

# A CENA MUDA

13200  
EN TODO O  
BRASIL

R

SETEMBRO  
8  
1942 — ANO 22.º  
N.º 1120



*Santos K.*

Fala o professor (Celso Guimarães) de otimismo



## TIM HOLT

O FILHO DE JACK HOLT, HERDEIRO DE UM DOS MAIS POPULARES NOMES DO CINEMA ANTIGO, TEVE, AGORA, SUA "CHANCE" DEFINITIVA EM "THE MAGNIFICENT AMBERSONS", O FILME QUE ORSON WELLES ACABOU DE DIRIGIR AQUI DO RIO PELO TELEFONE.

## NOSSA CAPA

Publicamos na capa deste numero uma das mais recentes poses de Celso Foot Guimarães, destacado elemento do "broadcasting" nacional, cuja contribuição para o cinema brasileiro tem sido, também, preciosa. Nascido em Jundiá, ao 23 de novembro de 1907, desde cedo acusou fortes pendores para os trabalhos de espirito. Depois de ter atuado em emissoras paulistanas, participando de programas academicos, ingressou definitivamente no rádio em junho de 1932, fazendo-o na Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo. Quatro anos depois, em setembro de 1936, vinha para o Rio contratado pela Rádio Nacional, onde se encontra até hoje e onde, incontestavelmente, fez um nome de real prestigio que se difundiu por todo o país. Ainda em São Paulo figurou no "cast" do filme "Fazendo Fita", e no Rio atuou em "Azas do Brasil", que o publico não chegou a assistir devido ao incendio dos studios da Sonofilmes; em "Aves sem Ninho" e em "Argila". E' ainda excelente ator de rádio-teatro, sobre ser um entusiasta do Cinema Brasileiro. Damos, em outra pagina desta edição, interessante reportagem fotografica feita com o concurso de Celso Guimarães e de Nilza Magrassi, outro precioso elemento da nossa cinematografia.

# A CENA MUDA

1120

## UM CINEMA PARA O BRASIL

**F**AZ parte integrante do programa traçado pela nova fase desta revista, cuidar, a sério, do nosso cinema. Propositadamente deixamos que se filtrassem as primeiras semanas dessa fase nova antes de encermos nossas atividades nesse setôr, tão pronunciada é a responsabilidade do assunto e de tal modo desservido, inumeras vezes, ele tem sido, exatamente por aqueles que, movidos das melhores intenções, vêem, cedo ou tarde, naufragar esses propósitos. Não desejamos incidir no êrro. Acreditamos que o Cinema Brasileiro ou se trata a fundo, com noção de responsabilidade, visando um objetivo construtivo, ou melhor será silenciar. O Cinema Brasileiro tem sido uma espécie de monstro que devora os proprios filhos. Já assistimos á repetição constante desse fenômeno e apraz-nos reconhecer que o melhor do nosso esforço posto a seu serviço, no jornal ou no rádio, nestes ultimos dez anos, não tem sido em pura perda. Desejamos seguir a mesma róta.

Foi por tudo isso que só agora agasalhámos, com a hospitalidade que merece, o assunto delicado, suscetivel, gravissimo, do nosso cinema. Inicialmente, o confiamos a um patricio nosso experimentado no assunto — Adhemar Gonzaga — de quem, neste numero, os leitores encontrarão as primeiras explanações. Si existe no Brasil quem mereça o galardão de pioneiro da nossa cinematografia, é sem duvida este nosso colaborador. No assunto, êle tem sido o mais combativo e o mais elogiado também. Nós mesmos, dêle temos divergido por vezes. Por isso exatamente estamos autorizados a afirmar que êle é o mais discutido mas também o mais relevante vulto do nosso cinema. A êsse cinema ofereceu o melhor de sua mocidade e muito de seus haveres. Fundou uma publicação cinematográfica que marcou época e cujo titulo, talvez como um preito de homenagem, êle traz ainda agora para a sua seção. Fundou o primeiro estudio cinematográfico digno desse nome, no Brasil, e depois desse num esforço de quinze anos só Carmen Santos — discutida mas esforçada contribuidora para os alicerces do nosso cinema — inverteu capital em coisa parecida. Os prejuizos que Adhemar Gonzaga tem recebido do cinema nem sempre se restringiram á sua facêta economica.

Hoje, no limiar da maturidade, encontramos um Adhemar Gonzaga talvez cozinhado pelas provações, mas dono do mesmo ideal de quando redigia a seção cinematográfica do "Para Todos"...

E' ele quem vai falar aos leitores de "A CENA MUDA" sobre o histórico da nossa cinematografia. Este seu trabalho será mais alguma coisa alem de um simples manejo de reminiscencias, com ilustrações de fotografias antigas, sentimentais e saudosas. O saudosismo nunca foi tão inoportuno como agora. O que desejamos de Gonzaga, e o que êle nos dará sem duvida, é o fruto da sua experiencia para exemplo dos que agora começarem a fazer cinema. E' o conselho de quem viu surgir as primeiras rugas na face, e cairem-lhe os primeiros fios de cabelo ao contacto cotidiano dos "sets", das cameras, dos refletores e de toda a sorte de complicações que essas coisas de cinema, até hoje, acarretaram a quem nelas se méte no Brasil.

Este será o modo pelo qual a nova fase de "A CENA MUDA" vai fazer a sua incursão, a fundo, na cinematografia indigena.

E depois quem sabe! talvez venham a sair empreendimentos de muito maior monta. Dentro desta casa, temos agora reunidos alguns elementos que se dispersavam por aí, fragmentando atividade por um objetivo que hoje é coletivo e mais do que nunca precioso: Dar um cinema ao Brasil. Um cinema nas proporções do proprio Brasil.

c e l e s t i n o   s i l v e i r a

# SUMARIO

## Retratos

Robert Young.....	2
Hedy Lamarr.....	11
Virginia Lane.....	18
Tim Holt.....	27
Anne Baxter.....	28

## Reportagens

Cinearte (De Adhemar Gonzaga).....	6
Grandeza e Declínio de Greta Garbo.....	8
Fala o Professor de Otimismo. Virginia Lane não gosta de Adolf.....	16
Com ou sem franjinha, Beatriz Costa é a mesma.....	19
	21

## Seções

Editorial.....	3
Tomadas de Camera.....	4
Fala o Amigo Fan.....	10
Elas Ditam a Moda.....	14
O Figurino de Hollywood.....	19
Cotações da Semana.....	20

## Cine-Romance

"BOÊMIOS ERRANTES", da Metro Goldwyn-Mayer, com Spencer Tracy, Hedy Lamarr e John Garfield.....	23
---	----

# NO PROXIMO NUMERO

## Uma aula de ginastica

Pelo Prof. Oswaldo Diniz Magalhães

## Nascida para o mal

(In This Our Life)

Descrição completa do filme da Warner Bros., com Bette Davis, George Brent e Olivia de Havilland.

# TOMADAS

# DE



por victor josé lima

O cinema está experimentando, presentemente, uma grande transição. E' curioso observar-se o desenvolvimento desta arte que é, exclusivamente, do seculo XX. Os primordios da cinematografia foram movimentados. Edison lançou ao mundo a sua invenção e, desde logo, todos compreenderam que as imagens fotografadas tinham duas grandes vantagens sobre o teatro. 1.º) Apresentavam a possibilidade de fazer "close-ups" dos artistas e das coisas em ação; 2.º) ofereciam aos atores o controle de toda a ação dramatica e "mise-en-scene" do seu papel; quando fosse atingida a perfeição requerida, o trabalho ficaria permanentemente bom. Mais tarde, é claro com o advento do cinema falado, o teatro ficou ainda em maior inferioridade.

D. W. Griffith, em 1907, foi quem introduziu os "close-ups"; imediatamente os exibidores acharam que no cinema estava um grande futuro. E passaram a explorá-lo em pequenos episodios posados, interpretados ao ar livre e sem enredo; depois surgiram as historias posadas e o cinema começou a tomar vulto. Mas os produtores não abandonaram a mina que tinham encontrado. Ao contrario, passaram a escravizar o cinema ao dinheiro, transformando-o mais numa industria do que numa arte. Gordon Craig andou muito acertado quando, em 1922, definiu o cinema assim: "O cinema não é nada novo; é, meramente, mais um marco no caminho do progresso. Satisfaz a vulgaridade de muitos: afeta a economia de todos; desperta a curiosidade de meio mundo; e enche o bolso de uns poucos. Alem disso, protege poucos e é contra muitos. Apesar de tudo, pretende ser feito para o povo!"

Sim, o cinema até bem pouco era assim. Em primeiro lugar, senhor absoluto de todas as ações, vinha o dinheiro. Fil-mavam-se as coisas mais vulgares e futeis, desprezando a arte, porque elas tinham o dom inestimavel (para os produtores, sem duvida!) de trazer alguns milhares de do-

se de 1929 — que foi a *débâcle* de muita gente rica — quase matou o cinema. Mas não chegou a isso. E a cinematografia continuou a ser o que era até à presente guerra. Parece incrível que tenha sido necessaria uma grande tragedia para indicar ao cinema o seu verdadeiro sentido, a sua primordial finalidade. O conflito armado de 1939 revolucionou os meios cinematograficos; hoje, já se faz arte em Hollywood. Uma arte de valor realmente fantastico, a serviço dos ideais da liberdade e da democracia. Quando a Alemanha nazista fôr finalmente vencida, definitivamente varrida da face da terra, poderemos então apreciar, com maior respeito, a obra gigantesca que vem sendo realizada pelas fotografias animadas de Edison. Os elementos futeis de Hollywood foram substituidos por outros, mais sinceros e menos afetados. As mulheres misteriosas e os homens explosivos não mais são recebidos pelos estúdios; hoje, procura-se espelhar na tela, com toda a sua fidelidade, a propria vida.

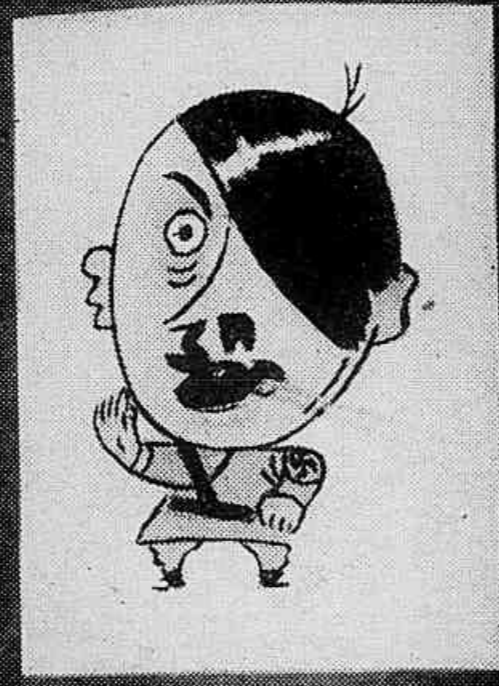
As grandes produções que saíram nestes ultimos três anos de Hollywood com mensagens ao mundo, mensagens de aviso contra a barbarie e o vandalismo, redimem, uma vez por todas, os erros cometidos anteriormente pelo cinema, que deixou de ser somente uma industria para tornar-se uma arte, com uma diretriz acertada, perfeitamente enquadrada nas necessidades do mundo de hoje. A guerra, com todas as suas crueldades, já prestou, portanto, um grande serviço; e prestará um segundo e definitivo serviço á humanidade, quando acabar com o nazismo e e seus dois sequazes, o niponismo e o fascismo.

\*\*\*

Será inaugurado, em meados de Outubro, um novo cinema no Rio. Trata-se do Rian, da Companhia Brasileira de Cinesmas, que está situado na práia de Copacabana. Segundo as ultimas informações, tudo faz crer que o mais recente celuloide de Carmen Miranda, "Aconteceu em Havana", estreiará mais esta moderna e confortavel casa de espetaculos.

MARIE McDonald, adoravel estrelinha da Universal, que acaba de voltar da Caravana da Vitoria (organizada para a venda de titulos de guerra), dá uma idéia simbolica do tratamento que seria dispensado a três conhecidos "maus elementos" universais. Recentemente designada "Miss Loura Incendiaria" por 2.000 auxiliares de bombeiros de Los Angeles, Marie propôs esta pose para representar as Nações Unidas dando o fim merecido a Hirohito, Hitler e Mussolini. Marie McDonald será vista proxicamente em "Pardon My Sarong", novo filme da dupla Abbott e Costello.





Estava eu socegado, aqui no fundo da sala desta redação, a folhear uma coleção antiga da "Revista da Semana" de meu interesse, quando me vi cercado pelo Celestino Silveira e pelo Victor José Lima, com um "muito bom encontrá-lo aqui porque queremos uma entrevista"...

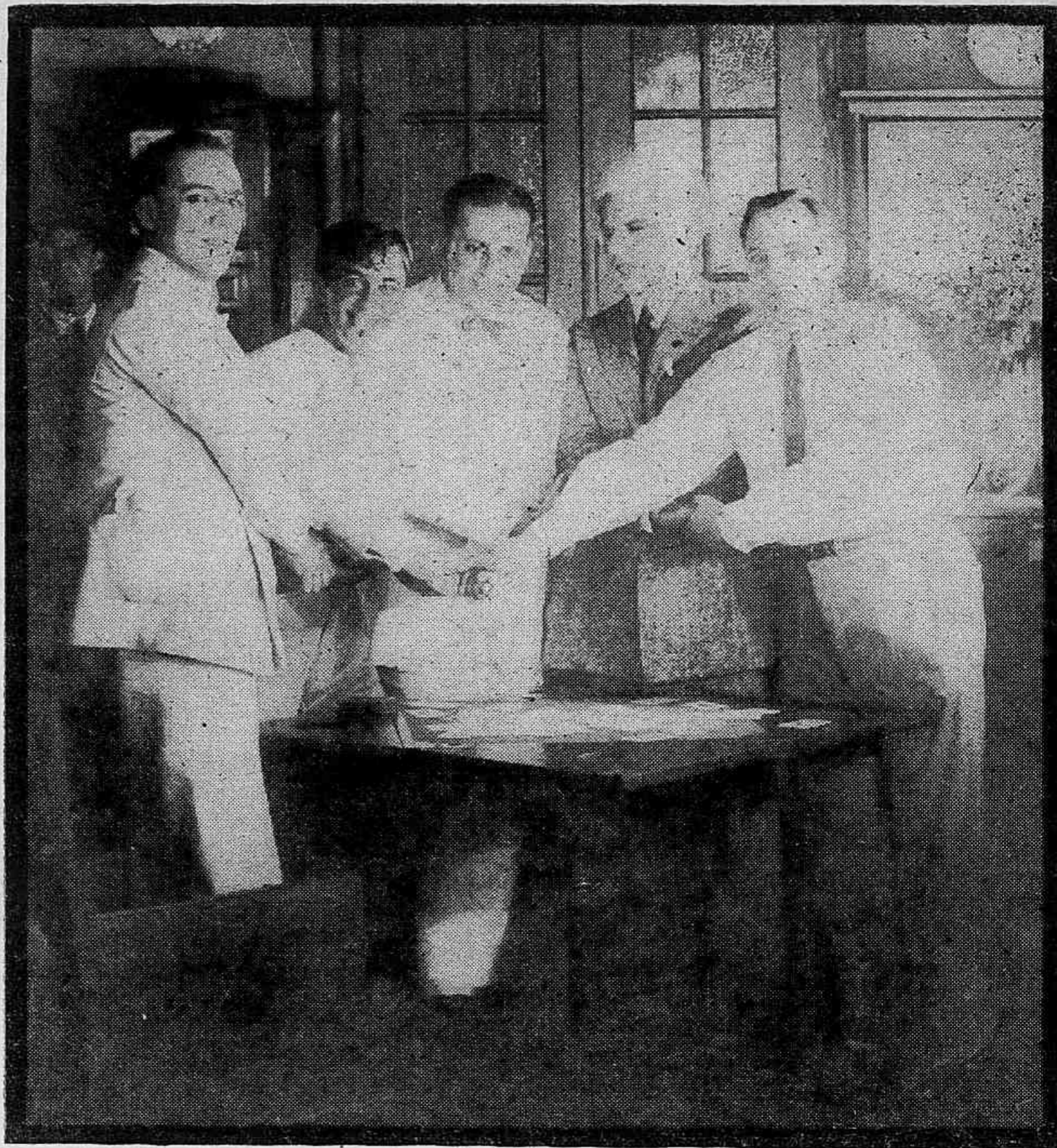
Lembrei-me, então, de que esta redação é a da "A CENA MUDA" também, e que o pessoal de "Cine-Rádio Jornal" aqui se encontra. Vi-me, pois, cercado, fotografado e com o sério compromisso de uma entrevista, agora mesmo.

Pois bem! Darei esta entrevista que espero seja permanente...

Tenho que dizer alguma coisa sobre o Cinema em geral, o sem palavras faladas, o bem falado, Orson Welles, Cinédia, Cinema Brasileiro, seus problemas, seu passado, presente e futuro e minha colaboração. Como principalmente sobre minha campanha favorita, Cinema Brasileiro, ha muito a dizer e a contar, vou transformar esta entrevista numa seção efetiva de "A CENA MUDA". Em todos os numeros procurarei esclarecer o meu ponto de vista de que o nosso cinema não tem sofrido de marasmo nem colapso, continuando na sua marcha de progresso, lenta mas positiva, evoluindo, tornando-se mais pratico e profissional, resistindo, isto sim, a todos os golpes mortais...

O nosso cinema, na verdade, precisa de imprensa. E' necessário que se esclareça a sua verdadeira situação. E' o que vou tentar, tratando dos seus problemas atuais, registrando o que se tem feito de bom, filtrando os seus sucessos e lembrando o que de significativo já se fez.

As reminiscencias que vão ilustrar estas paginas não serão méras evocações sentimentais, servirão para mostrar o trabalho e o tempo, ganhos e perdidos, mas tudo um enorme cabedal de esforços, lutas e experiencias. Não pensem que bastam as experiencias. Sempre e sempre havemos de passa-las, como mesmo o cinema de Hollywood ainda as conhece. Um filme não é todo o cinema. O que nos deve interessar é a formação da industria para a estabilização dos filmes. Duvidar do talen-



Durante a filmagem de "Hei de vencer", um dos muitos filmes de Luiz de Barros para a sua Guanabara Filme. Vêem-se: Adolfo Nery, galã do filme, Luiz de Barros, Gonzaga, Manoel Araujo que já tomou parte em mais de trinta filmes brasileiros e Luiz Grentner, coprodutor. No fundo, João Pinheiro, um dos "bandidos" do filme. João é irmão de Jaime Pinheiro com quem hoje trabalha na Pan-Filme.

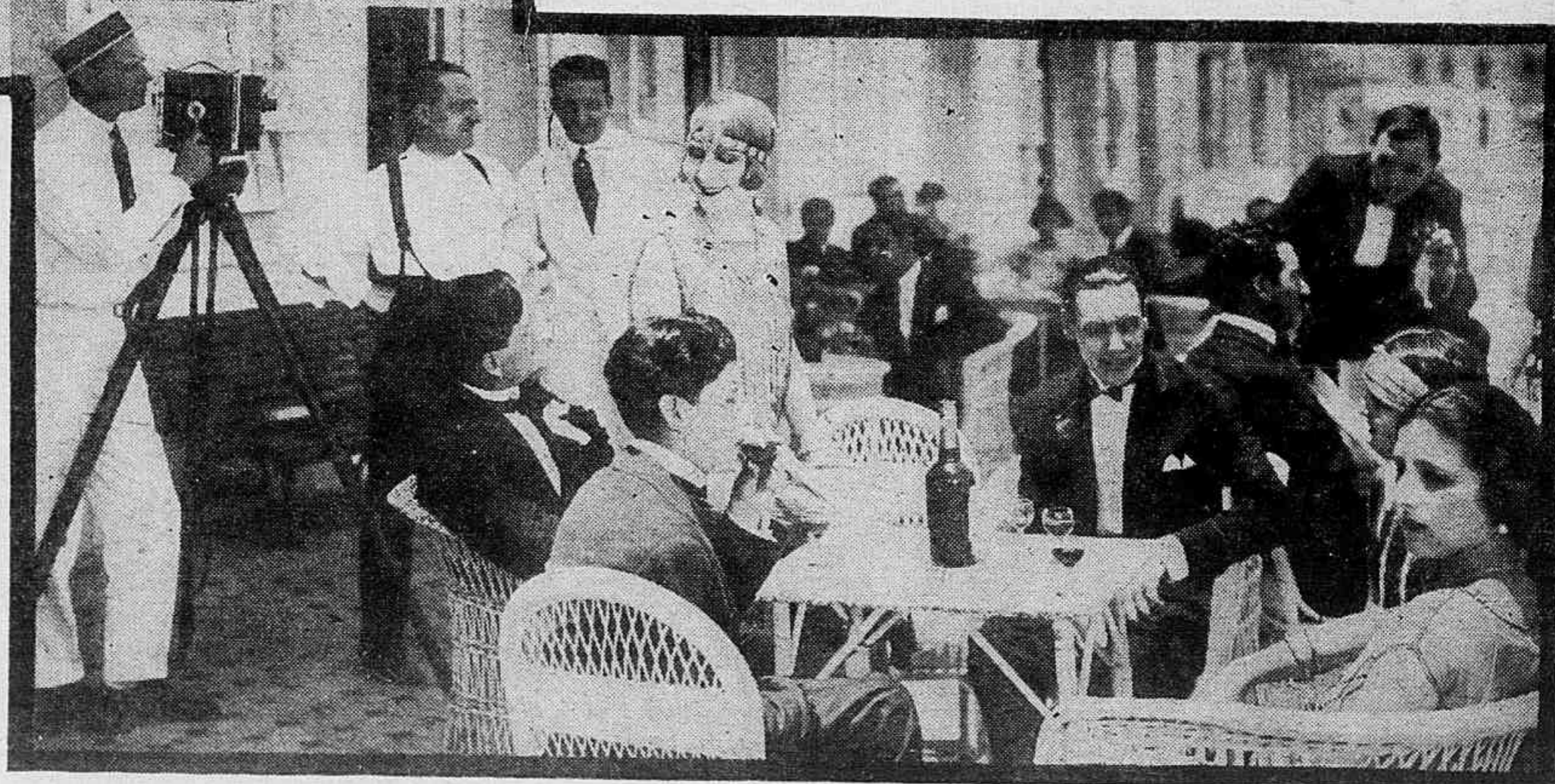


Ao lado: três automoveis amarrados para um simples "primeiro plano" ambulante de Carlos Modesto em "Barro Humano", da Beneditti Filme.

Em baixo: Durante a filmagem de outro trabalho da Beneditti, anterior a "Barro Humano", que foi a "A esposa do solteiro", com os artistas Laeticia Quaranta e Carlo Campogalliani, este aliás, o diretor. Na "camera", vemos Victor Ciacchi.

to brasileiro é duvidar do Brasil. Mas precisamos primeiro vencer a batalha da técnica e este tem sido o meu objetivo.

Para realizar uma idéa cinematográfica são precisas muitas máquinas, muito negativo e principalmente uma numerosa, homogênea, coesa, disciplinada, educada "equipe" técnica. Na sinceridade de trabalho de um "zenit" técnico está simplesmente todo o segredo de um bom filme. Ora, quando "conheci" o Cinema Brasi-



leiro, o diretor exercia diretamente, pessoalmente, todos os trabalhos de uma "equipe". O progresso desde então foi grande.

'Explicar-me-ei melhor, mais adiante, em numeros próximos. Aqui pugnarei pelo Cinema Brasileiro.

Uma qualidade não me poderão negar: experiência. Dirão, talvez, que sou suspeito para tratar do assunto, mas devo dizer que logo depois das pequenas crônicas de "Cinema", a revista brasileira mais antiga que conheci, fui eu quem iniciou através o velho "Palcos e Telas", a campanha pelo Cinema Brasileiro. Acreditava quando o velho Cravo ou o Mario Nunes diziam que o "cliché" não tinha saído por falta de espaço...

Continuei-a pelas páginas de "Para Todos" e depois, na revista de minha criação "Cinearte". Tudo isso, antes da Cinédia, que não deixa de ser a continuação ou a prolongação desta campanha... Mas, acaso são todos insuspeitos os que negam toda e qualquer realização cinematográfica brasileira?

Nós continuaremos. Aqui, espero relatar episódios interessantes do interior dos nossos estúdios. Com imparcialidade, com absoluta sinceridade e a mais perfeita isenção de animo.

De "extra" do "Ubirajara" até diretor da Cinédia, vivi bastante no Cinema Brasileiro.

O trabalho cinematográfico é uma fonte de atritos inevitáveis. A minha superioridade, entretanto, não permitirá infidelidade dos fatos.



Adhemar Gonzaga dá início á sua série de artigos — "Cinearte" — aqui mesmo, na redação de "A CENA MUDA".

Em baixo: Muitos fôram os filmes não terminados. Em numero maior ainda, os que nem chegaram a ser filmados... Esta foto, foi batida nos primeiros dias da Cinédia, quando ia ser filmada, ainda sem palavras faladas, o livro "Marta", de Medeiros e Albuquerque. Aqui está o saudoso romancista patricio, entre Otavio Mendes que ia ser o diretor, Adhemar Gonzaga, dr. Mario Behring, Humberto Mauro e Francisco Barreto, aliás Paulo Morano, galã de "Lábios sem beijos"...



# GRANDEZA E DECADENCIA DE GRETA GARBO



**1** — Esta é a primeira — e única — fotografia que se conhece, mostrando-nos Greta Garbo conversando com um jornalista. Certamente isso aconteceu quando a “estrela” sueca estava ainda no alvorecer de sua carreira e mal chegava a Hollywood, para posar aquele inesquecível “Laranjais em flor”, extraído de uma novela de Blasco Ibanez. Reparem no vestidinho modesto da artista e na simplicidade com que ela dirige a palavra ao reporter. Os tempos eram outros! Garbo trazia ainda aquelas evocações pouco agradáveis de Stockolmo, das películas européas, dos seus tempos de modelo vivo, das provações porque passava a família... Era assim Greta Garbo ha quinze ou dezesseis anos passados, longe, muito longe de pensar em mistérios, incognitas e pavor aos rapazes de jornal...



**3** — Depois os sucessos foram tantos... tantos... que não se podem recordar de uma assentada. Aqui temos, ao acaso, um dêles. Dos mais marcantes. Foi “Mme. Walewska”, filme onde Garbo se encontrou com Charles Boyer e ambos foram imensos! Desde John Gilbert não se sabia de um galã que tão maravilhosamente conjugasse sua arte com a arte inacessível da “estrela” nordica... E “Mme. Walewska” foi um marco luminoso na trajetória de ambos. Garbo estava em pleno apogeu! Seu nome subiu tanto... tanto... tanto... que não pode mais aguentar-se lá em cima. E foi, então, um salto no abismo, o que seus “fans” presenciaram... O encanto da esfinge quebrou-se. O mistério desfêz-se. E Garbo passou a transigir com ela mesma, antes de transigir com os diretores e com o publico...

**2** — Talvez nossas leitoras de agora não julguem Greta Garbo um requinte de elegância, com esse "manteau" que mais faz lembrar um roupão de banho, sim, talvez... Mas si as nossa coleções forem folheadas, hão de vêr que sedução esses retratos provocavam, nos "fans" de ha três lustros passados! Greta Garbo começava a ser a "coqueluche" das multidões. Ela éra sombria, recatada, de queixo erguido e olhar sobranceiro... Uma geração de mulheres românticas lhe copiou a sobrançeria de olhar e a altivês do busto. Hoje, não ha quem confesse a verdade, mas é verdade mesmo, acabou-se! Aí vêmos a Garbo ao alvorecer de sua celebridade tão invejada pelas outras. Enquanto o cinema ganhou o dom da palavra, todos receiaram pelo seu prematuro desaparecimento. Iludiam-se! A vóz de Garbo devia pelo contrario, dar-lhe ainda maior personalidade.

**4** — E transigiu tanto que mais não se pode esperar. Mandaram-na rir, a bom rir, e ela desmanchou-se em crises desopilantes de gargalhadas... Lubitsch ainda a manteve bafejada pela fortuna, mesmo assim. Mas veio George Cukor — profano! — e dela arrancou ainda maiores e mais espantosas transigencias! Nós vimos o que nunca esperavamos assistir... Uma Greta Garbo, vulgar, banalissima, frequentando "night-clubs" excedendo-se nos aperitivos, dansando a conga, bambolean-do as cadeiras como uma garota sestrosa qualquer e dando mostras de ter abolido, positivamente, seus preceitos e convenções de arte. Os "fans" sentiram. Era uma "estrela" que se apagava... Quando u'a mulher transige, assim, é porque já não deposita melhores garantias em si mesma...



**5** — E aí a têmos. Tristonha. De palpebras caidas. Um esboço de rictus amargo, sombreando-lhe a face. Meditando, sabe Deus o quê! Talvez lamentando que o tempo, implacavel, vingativo, ainda agora a serviço das suas rivais de outros dias mais bonançosos... Talvez arrependida de ter abandonado sua linha de conduta antiga, de quando nada se sabia a seu respeito, ou sabia-se, apenas, que um Leopold Stokowski havia feito uma escapada de amor com a mais enigmatica e impenetravel atriz cinematográfica... Essa é a Greta Garbo de 1942. Tão diferente! Tão melancolica! E até mesmo sem contrato... Não está mais na Metro. Não se sabe que outro estudio a tenha contrato. Não se fala mais nela outra vês. Mas, agora, por motivos diferentes. Porque outróra, éra um truc de publicidade, o silencio. Hoje, é indice de esquecimento...

Um sucesso o grande espetáculo cinematográfico infantil de "A Cena Muda" e a PRA-9



A petizada carioca teve uma divertida manhã, no domingo passado, mercê do empreendimento desta Revista em combinação com a Rádio Mayrink Veiga. Desde muito antes das dez horas da manhã, já a platéia do Cinema Odeon, gentilmente cedido pela Cia. Brasileira de Cinemas, apresentava um aspecto invulgar, de grande entusiasmo. Quando a sessão teve início, ambas as platéas estavam esgotadas, distribuindo-se numerosas público ainda pelas frizas e camarotes. O programa transcorreu num ambiente de grande vibração e alegria, com a projeção dos filmes cedidos pela Paramount Pictures, cujo 30.º aniversário de fundação se comemorava, e pela Distribuidora de Filmes Brasileiros. Nas gravuras, vêem-se dois flagrantes feitos naquela ocasião: a de cima, dá-nos um angulo da platéia e a de baixo, foi nos balcões. Como se vê, o Odeon apanhou uma enchente "daquelas"...

## Fala o Amigo Fan

DUAS IMPRESSÕES

Fui, há dias, assistir a mais um filme-propaganda, um desses filmes



A CENA MUDA — 8-9-42 — Pág. 10

tão comuns nos dias tumultuosos que vivemos.

Ainda que eu não seja um crítico de películas cinematográficas e interpretações, porém integrando-me na opinião da massa popular, daquela que paga e que, portanto, tem direito a opinar, desejo expressar a má e a boa impressão que me causaram "PARIS ESTA' CHAMANDO" e Elizabeth Bergner.

Atentaria à verdade si dissesse que me agradou a fita em si, pois que, no seu todo, não passou ela de uma sequência de absurdos, como por exemplo: a cena em que Randolph se evade da prisão — tudo aranjado a favor do "mocinho" norteamericano; a cena em que ele, in-

concebivelmente vestido — e o que é mais, elegante! — com o uniforme de um homem, cuja estatura e conformação física lhe eram inteiramente opostas, entra no "CAFE' LA COQUINE", passa próximo ao agente da Gestapo, — que, momentos, antes, havia tentado em vão, fazê-lo confessar seus planos, — sem ao menos, um olhar lhe ser dirigido; e, finalmente, para não ser muito longo, e ridícula cena em que Mr. Scott fura o tambor da gasolina, — que facilidade! —, atea fogo a esta, sem que o condutor do carro avariado esboce, sequer, um gesto de curiosidade.

E as patrulhas alemãs?... E o povo no café?... Não ouvem o ruído peculiar resultante do contato do fogo com o perigoso inflamável?... Não vêem a flama que se avoluma, e que é perceptível aos aviadores britânicos?...

Quando num confronto, uma das partes é vista sob um prisma mediocre, a outra é, indiretamente, ridicularizada, pois que o verdadeiro mérito está na vitória sobre um adversário valoroso.

Inutilizaram um argumento que si tratado com cuidado, poderia ter sido, si não um sucesso, pelo menos um passatempo interessante.

Esta a minha má impressão!... Contudo, não lamento o tempo que gastei vendo "PARIS ESTA' CHAMANDO", porque houve alguma coisa de que eu pude tirar vantagem naquele filme.

A delicada Elizabeth Bergner — uma grande artista que Hollywood inexplicavelmente esqueceu — provou que merece melhores argumentos para o futuro, pois somente uma atriz experimentada pode atuar em uma película cheia de cenas ridículas e não deixar-se ridicularizar.

E si não fosse bastante o prazer visual proporcionado aos espetadores pela figura suave da pequenina-grande artista, haveria ainda o prazer audível de um inglês claro e fácil de entender-se, ainda mesmo que esse inglês fosse, como empenha o papel de Mlle. Jannetier, afrancezado.

Esta a minha boa impressão!...

ALUIZIO DE CARVALHO COSTA  
(Santos - S. Paulo).

**BIGODE**  
DE SENHORAS E VERRUGAS  
ELIMINACAO GARANTIDA SEM CICATRIZES  
ESPEC. GUILHERME KLOTZ  
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio  
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS  
Peco enviar-me prospectos:  
NOME: \_\_\_\_\_  
ENDERECO: \_\_\_\_\_

## FACILITANDO A TAREFA CULINARIA...

Eis um livro que toda dona de casa deve possuir — um livro de receitas atraente e finamente ilustrado, com receitas apetitosas. Mande-nos o coupon, para enviarmos seu exemplar GRATIS.



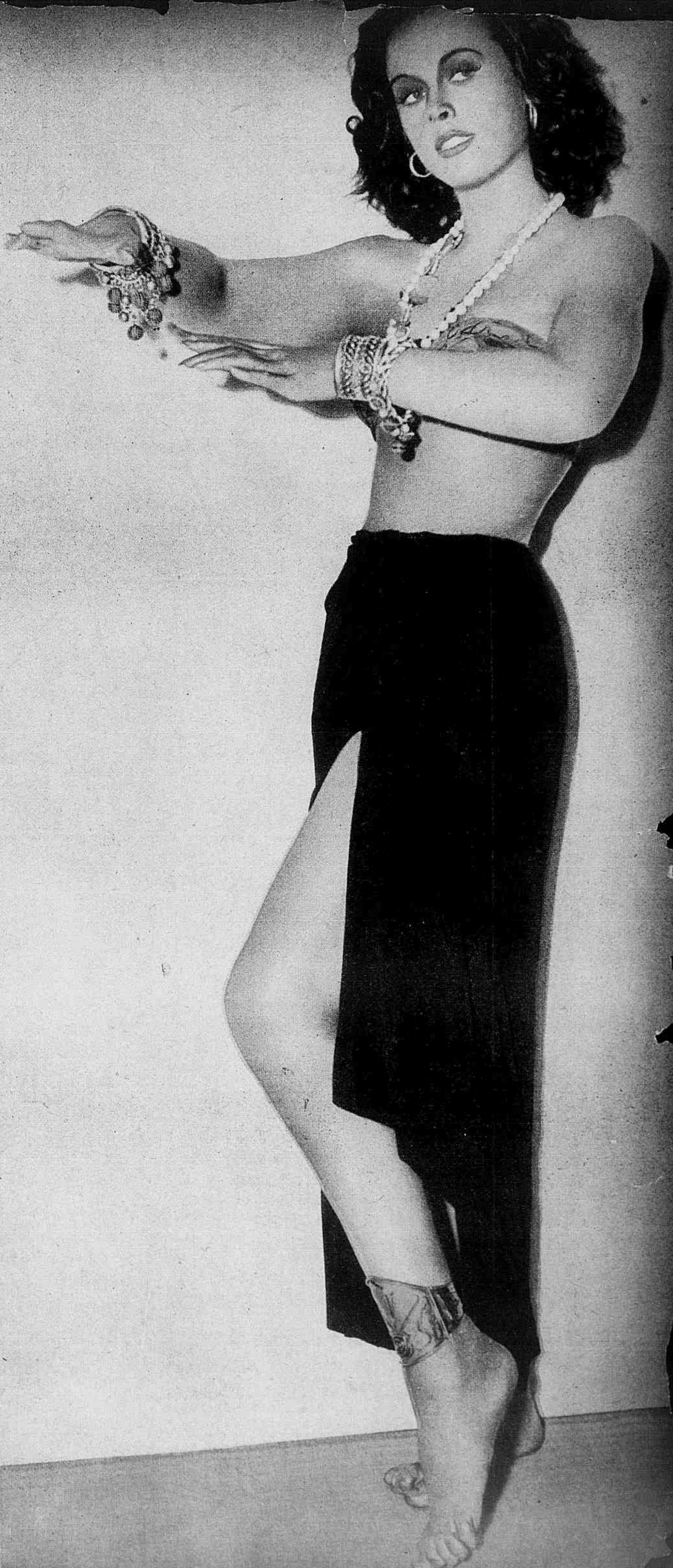
33 À MAIZENA BRASIL S. A. 110  
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO  
Peco enviar-me, gratis, o "Meu Livro de Receitas"  
Nome \_\_\_\_\_  
Rua \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

**MAIZENA DURYEA**

# O "LURONG" DE HEDY LAMARR

Dorothy Lamour popularizou-se á custa de um "sarong". Houve um até, que andou exibido aqui no Rio, e que a Carmen Miranda, quando aqui esteve, acabou oferecendo á sta. Lucia Lamour... Mas agora, vamor ter é o "lurong". Parece a mesma coisa e não é. O modelo lançado por Hedy Lamarr, que aí está, ao lado, é realmente sugestivo. Quando o verão está em vespera de comparecer, nada mais promissor que o "lurong" da "estrela" da Metro!

Aguardemos, pois, o verão... e o filme em que Hedy Lamarr vai exhibir essa nova maravilha para o posto 2...



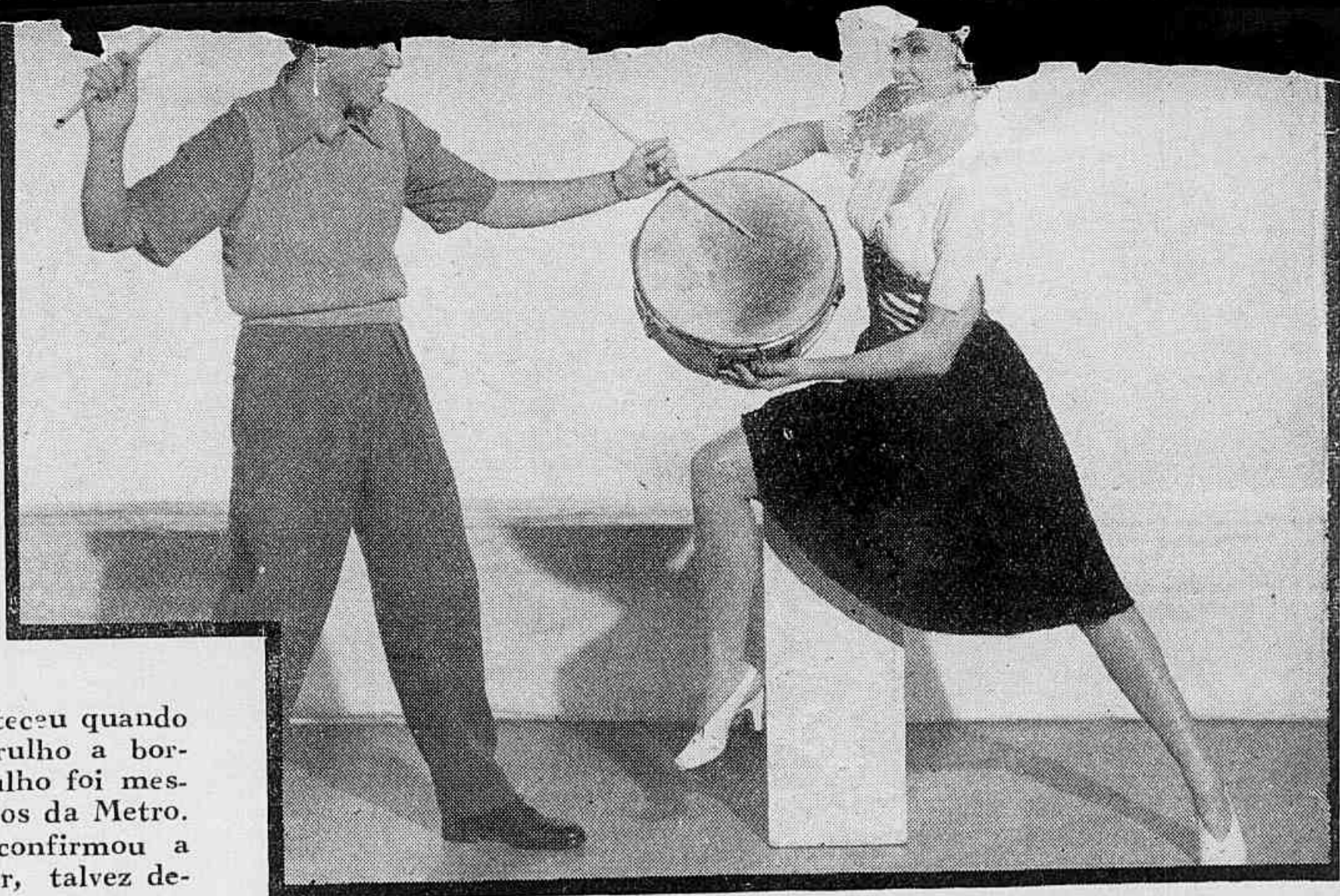


# ELEANOR POWELL quer... é dançar!



umas querem brilhantes. Outras, amor. Eleanor Powell não quer uma nem outra coisa. A isso tudo, ela prefere dançar, fazer suas extravagâncias coreográficas, porque dançando está no seu elemento e todos os fados lhe sorriem... Deram-lhe, agora, Red Skilton e um conjunto maluco, realmente infernal. Eleanor Powell "desmilinguiu-se" e criou novos passos diabólicos... Léo Skilton coitado! — fez tudo para entrar na dança mas não acertou o passo. Ao saxofone, desafinou em cheio. E acabou batendo palmas, enquanto o "bat-ria" do grupo, tamborilava magistralmente com miss Powell, cada vez mais cada vez no sapateado...





ISSO tudo aconteceu quando filmavam "Barulho a bordo", mas o barulho foi mesmo lá nos estúdios da Metro. Eleanor Powell confirmou a afirmativa de ser, talvez depois de Ginger Rogers, a melhor sapateadora de Hollywood. Pode não ser uma grande comediante, mas no compasso é "a tal".

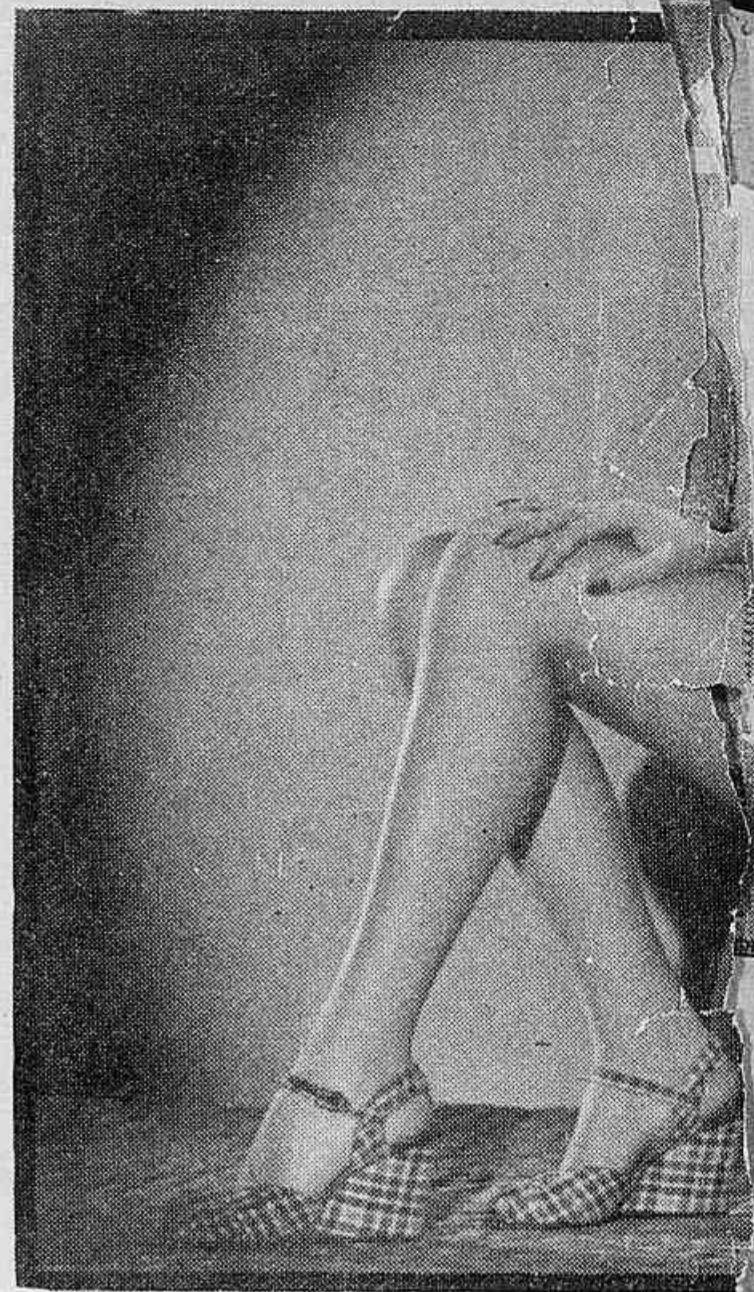
(Fotos M. G. M., do filme "Barulho a bordo", especiais para "A CENA MUDA").





Dia a dia, a fazenda quadriculada vai ganhando nova aceitação. A atriz Peggy Drake, da RKO, escolheu este modelo por sua simplicidade e conforto. Confeccionado de jersey de seda artificial, com quadrinhos brancos e pretos, este modelo apresenta tres detalhes novos: os bolsos "plaqués" de feitió todo especial, a faixa incrustada que serve de base ao cinto preto e as mangas simples e lisas, desprovidas de franzidos nas ombreiras. Além disso, constitue um traje bem moderno, apresentando pregas nas saias e a gola da blusa enfeitada com tecido branco.

Joan Leslie e sua irmã, Mary Brodel, ambas da Warner, apresentam dois belos modelos para noite. O vestido de Mary, feito de crepe vermelho, cor de tomate, possui interessantes mangas drapeadas e pregas na parte da cintura. A frente drapeada da saia é presa por um adorno moderno e discreto. Para as jovens o vestido de Joan Leslie, todo em crepe branco, será mais conveniente. As bainhas estão adornadas com um frizo dourado e, no peito, podem ser notados tres laços do mesmo material.



HOLLYWOOD  
DITA A MODA



As roupas de banho de mar, confeccionadas de algodão, tomam maior incremento em Hollywood. Os novos tecidos, que exibem as esculturais estrelas, são raiados nas cores nacionais norte-americanas — isto é, vermelho, azul e branco. Deve-se notar que este "maillot" está delineado mediante um apertado franzido de elástico e que a saia, que lhe serve de complemento, se abre graciosamente. As sandalias combinam com a roupa, assim como também está plenamente de acordo o penteado adotado pela jovem Peggy Drake.

Outro tecido de última moda é o "crepon" de algodão, denominado "seersucker". Este modelo elegante, que nos apresenta a esculturada Peggy Drake, é de fundo cor de canela com amapoulas encarnadas, salpicadas nas partes lisas da fazenda. O corpinho "chemisier" apresenta as novas mangas lisas e brota de uma larga faixa pregueada com fios elásticos. Um chapéu largo, feito de fina palha tostada, serve de complemento a este primoroso traje diurno.



# TEM A PALAVRA O PROFESSOR DE OTIMISMO!

CELSO GUIMARÃES — LOCUTOR DA PRE-8, ESCREVEU ESPECIALMENTE PARA "A CENA MUDA".  
(FOTOS GENTILMENTE POSADOS COM NILSA MAGRASSI).



**1** — Alô, é você? Sebe, estou me sentindo hoje tão desanimada... Não sei o que seja... Mas não tenho animo para nada! Que me aconselha meu amigo?

**4** — O primeiro passo no caminho do êxito é dar uma aparência de vitória, é ser alegre... Nada de se entregar a esse abandono! Reaja...



**3** — Para começar, anime-se fazendo castelos no ar! Depois, cuide de realizá-los... Assim fez Colombo antes de navegar para a América...

**5** — Até ao beber um copo d'água você pode sentir alegria, sorvendo-o aos goles pequenos, demorados... Experimente e verá que ótima disposição!



**H**A jovens que andam pelos sessenta e velhos com trinta anos. Ninguém envelhece enquanto não perder o interesse pela vida, enquanto o espírito não envelhecer, enquanto seu coração não se tornar frio e indiferente. O calendário não afeta os gênios serenos e a alegres. Parecemos tão velhos quanto sentimos e pensamos, porque são o pensamento e o sentimento que nos dão esse aspecto. Se encararmos a vida com mocidade e otimismo, se tivermos esperanças e formos alegres, caritativos e entusiastas, devemos ser classificados como jovens, sejam quais forem os nossos anos de existencia.

HA UMA

receita que opera verdadeiros milagres, principalmente aos que sofrem de melancolia. E' esta: Levante os cantos da boca! Faça uma experiencia, leitor. Vamos sorrir? Esforcemo-nos por levantar os cantos da boca, sem ligar atenção ao nosso humor e notemos o que sentimos. Depois, baixemos os cantos da boca e observemos a diferença. E' enorme, acredite! As rugas não podem aparecer num rosto que ri sempre, porque o sorriso é a melhor massagem de beleza e de vida. Portanto, devemos impor a nós mesmos, em voz de comando energica e positiva: Cantos da boca para cima. Já!

DEVEMOS

construir castelos no ar, sim! Sonhar, sonhar muito, porque depois, si fizemos o possivel para dar realidade ao sonho, estaremos no caminho direito e seguro. Não importa que nos chamem de visionarios, idealistas e sonhadores. As empresas de maior renome do mundo fôram sonhos da mente e castélos aéreos da imaginação, de quem, mais tarde, lhes deu realização. Agora que tanto se cuida de panamericanismo, recordêmos Cristovam Colombo. Só um sonhador energico e pratico teria persistido em navegar dias e dias, semanas e semanas, por um mar ignorado, enfrentando as tripulações incredulas e prontas a virar de bordo. No entanto, a civilização atual do continente americano é um magnifico sonho realizado!

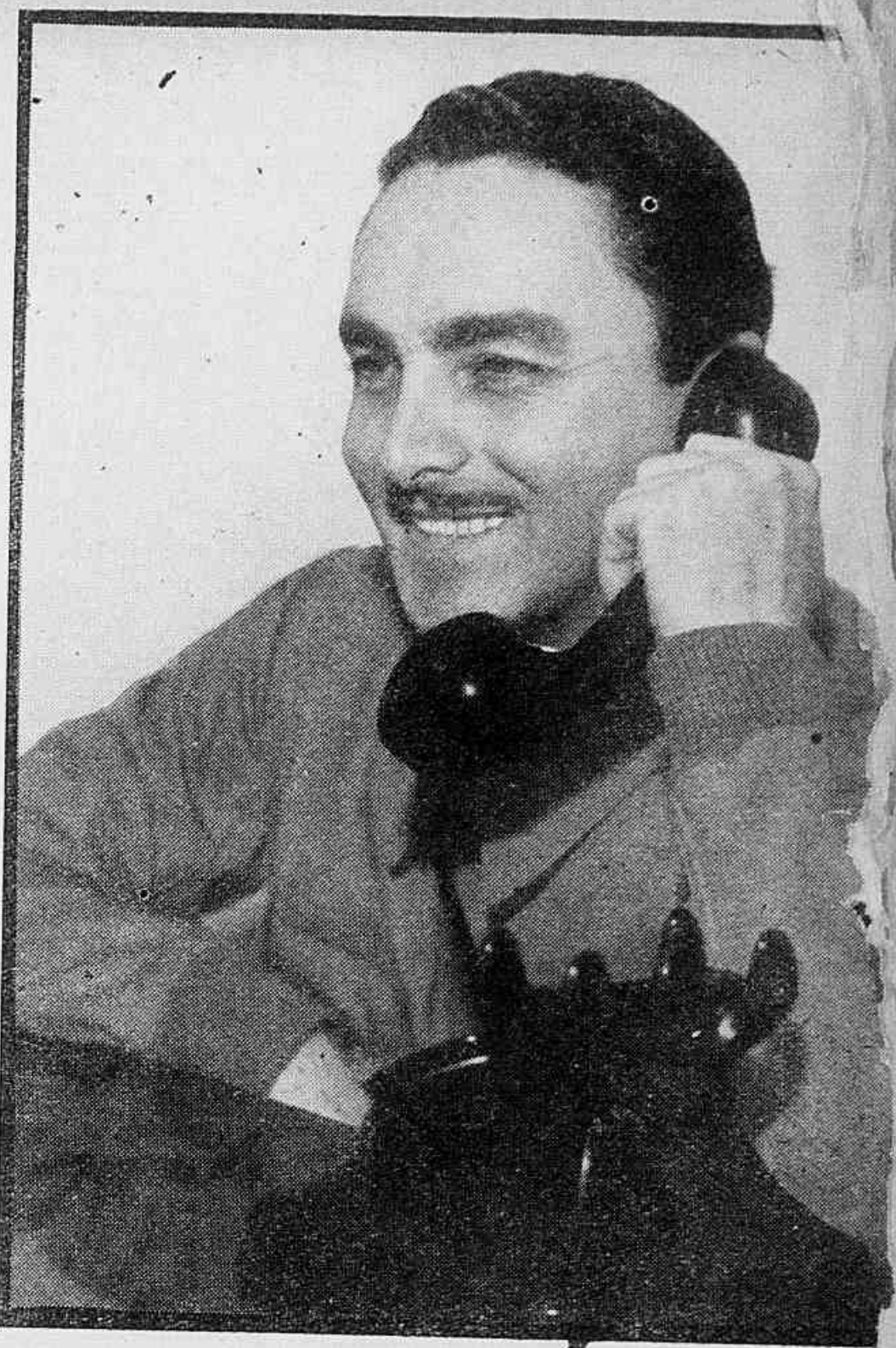
NÃO! NADA

de desanimos! O primeiro passo no caminho do exito é ter uma aparência de vitoria, um ponto firme, porque assim inspiramos tanto a confiança aos outros como a nós proprios. E' indispensavel que a nossa fisionomia e a nossa atitude traduzam sempre vitoria, que mantenhamos constantemente no espirito uma vitoriosa concepção da vida, o seu aspeto triunfal. Produto dos nossos pensamentos e convicções, a atitude do nosso espirito é uma força real que constroe ou desmorona. Não fracassaria lamentavelmente um ator que devesse fazer o papel de heroi da peça, se se portasse timidamente durante a representação? Certamente! Assim tambem é no drama da vida.

VAMOS APRECIAR

com toda a nossa alma as alegrias certas que nos esperam, conscientes de que quem ama e procura a beleza, por toda a parte a vê, quem ama a musica, em toda a parte a ouve. Toda a natureza canta para si. O mundo para o pessimista é tão árido, triste e superficial, como é rico e interessante para o otimista. Um exemplo prosaico: Até ao beber um copo d'agua podemos sentir alegria, sorvendo-o aos goles pequenos, demorados...

(Celso Guimarães evocou o papel de Léo do filme "Aves sem Ninho" no programa "O professor de otimismo" diariamente irradiado pela Sociedade Rádio Nacional).



2 — Mas que é isso, menina? Nada de desanimos... Você está simplesmente precisando de alguns conselhos... Escute só!



7 — Uma receita que opera verdadeiros milagres: Levante os cantos da boca! Faça uma experiencia... Pronto! Assim... assim... que tal? Melhorou?

6 — E nada de superstições, está ouvindo? Ha jovens que andam pelos sessenta... Como tambem existem velhos que têm trinta anos. O calendario não afeta...

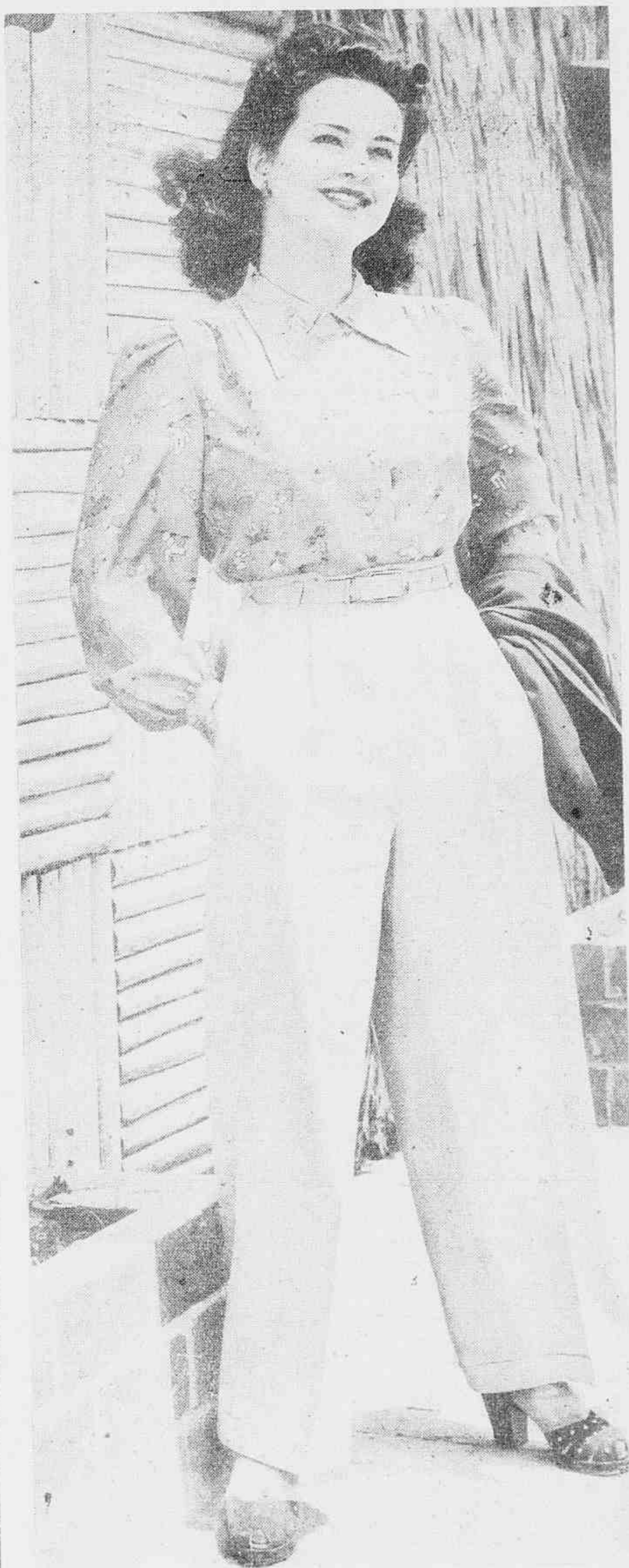




Virginia Lane, integrante do "cast" da Nacional, responde hoje ao nosso questionário radiofônico.

Virginia  
Lane não  
gosta de  
Adolf...

- Seu nome verdadeiro?
- O mesmo. Virginia Lane
- Onde nasceu?
- Aqui no Distrito Federal. Sou carioca da gema.
- Pode saber-se a data?
- 28 de Fevereiro de 1925. Nem mais nem menos.
- Como estreou no rádio?
- De modo curioso. Em vez de passar do rádio para os cassinos, aconteceu justamente o contrário. Estreei na Urca e fui contratada pela Mayrink.
- Que mais a satisfaz no rádio?
- A atenção que me dispensam os fans.
- O que é que você mais ambiciona?
- Realizar um desejo que me parece, no entanto, quase impossível...
- Você é fan de alguma figura do rádio?
- Muito. De Francisco Alves.
- Tem artista predileto no cinema?
- Sim. Aprecio muito Walter Pidgeon.
- Qual a figura do cinema que mais a aborrece?
- Dorothy Lamour... sem "sarong".
- Fora do rádio, qual a sua distração?
- São muitas as distrações. Adoro o cinema, aprecio a leitura e estudo diversos idiomas.
- Gosta de perfumes?
- Nem se fala! Claro que sim!
- É de futebol?
- Não perco um Fla-Flu! E sabe duma coisa? O melhor jogo de futebol, para mim, é aquele em que são marcados mais de uma dúzia de goals!
- Qual foi o seu primeiro salário?
- Comecei por onde muitas acabam. Meu primeiro ordenado foi de dois contos de réis.
- Si você ganhasse a sorte grande o que faria?
- Muitas coisas. E se desta sorte grande dependesse o fim da guerra, com a maior satisfação me desfaria dela.
- A propósito: o que pensa da guerra?
- Não compreendo como uma besta humana, como Hitler, tenha tanto prazer em destruir toda uma civilização que levou tantos anos a ser edificada.
- Tem autores prediletos de literatura?
- Dos brasileiros, aprecio Menotti Del Picchia; dos estrangeiros, Ernest Hemingway e Jan Valtin são dois bastante interessantes.
- Que juízo faz do amor?
- Até agora, não me foi possível formar um juízo perfeito sobre o amor...
- Qual o nome de homem que você mais aprecia?
- Não tenho preferências; mas ha um que eu menos aprecio. E este nome é Adolf...
- É supersticiosa?
- Muitíssimo. Não passo debaixo de escadas, não gosto de espelhos quebrados, não tolero gato preto e não me sinto segura nas sextas-feiras 13...
- Está satisfeita com os seus programas?
- Não poderia desejar nada melhor. Recebo milhares de cartas por mês e tenho duas secretárias para respondê-las...
- Entre a sua correspondência recebe declarações de amor?
- Sim. Numa dessas, o seu signatário dizia que era capaz de suicidar-se se eu não desse um pulinho em Madureira...
- Sabe cozinhar?
- Sou perita na cozinha, assim como em todos os trabalhos domésticos.
- Recebe cartas desaforadas?
- Inumeras. Mas ha um ditado que diz: Falem mal, mas falem de mim...
- Como você julga os homens?
- Impossível julgá-los... São todos tão diferentes...
- E as mulheres?
- Não creio nelas...
- Tem algum esporte favorito?
- Sim. O tennis e a natação. E agora, com o racionamento, a bicicleta tambem tem suas preferencias.
- Adota uma divisa?
- Quem fala de mim tem paixão.



Para o verão que se aproxima, este "ensemble" escolhido por Mary Cortes é realmente sugestivo. Miss Mary veio diretamente do Porto Rico para dançar no "musical" da RKO, "Sweet or Hot". O tecido empregado pela interessante "starlet" é uma gabardine de algodão azul claro, com uma blusa de crêpe num azul mais carregado, estampada com enfeites graciosos. Estes estampados são em vermelho e branco. Os sapatos, tambem em vermelho, completam a elegante indumentária.

**RUGOL**  
O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE

# As Cotações Da Semana

## Pernas provocantes

(FOX)

2 1/2

Por mais que pareça incrível, a história de "Pernas Provocantes" não é apenas o sonho de um bem intencionado escritor. Não. Todo aquele ambiente, todo aquele tumulto, realmente pertenceu à Chicago de 1927. A história de Roxie Hart, que se confessou culpada de um crime que não cometeu apenas para conseguir publicidade, com aquele julgamento atribulado, interrompido de minuto a minuto para entrar em ação a propaganda, constituiu um dos grandes acontecimentos em Chicago, pouco antes da depressão econômica.

Mas só mesmo para quem conheceu aquela época, os bons tempos do "black-botton", é que "Pernas Provocantes" terá um interesse maior. Para os outros, poderá parecer uma comédia completamente louca, impossível, apresentando um tribunal falso e inexistente. De fato, êle não mais existe. Mas existiu. E existiu em Chicago, em 1927. Roxie Hart — neste celuloide vivida brilhantemente por Ginger Rogers — cada vez que saía da sala de julgamentos mudava um vestido, trazia uma "toilette" mais elegante do que a anterior. Todos queriam apenas uma coisa: publicidade. Desde o mais simples policial, passando pelos advogados e escrivões, até ao próprio e respeitável juiz. Ninguém se preocupava com o caso, em si. O efeito externo — o poder da propaganda — atraía muito mais. Os jurados se deixavam levar mais pela beleza das acusadas do que pelas provas que se apresentavam contra elas. E Chicago chegou mesmo a ter a reputação da "cidade que não condenava mulheres bonitas".

William Wellman teve o cuidado especial de tornar ainda mais espalhafatoso e incrível a sua película, transformando-a numa ruidosa comédia cheia de imprevistos, com uma Ginger Rogers realmente adorável, diferente de todas as Ginger Rogers que temos visto até agora. Mascando sempre um "chiclet", com poses estudadas, estampando o espírito perfeito da época, Miss Rogers agrada plenamente. Ela vale por todo o filme. Os outros atores pouco fazem. George Montgomery não tem grande "chance" e Adolphe Menjou está simplesmente irritante. Lynne Overman não chega a interessar.

Assistam "Pernas Provocantes" não levando muito em conta o enredo, embora tudo aquilo, por mais incrível que pareça, tenha acontecido. Não procurem analisá-lo. Aceitem o celuloide tal como é. De outra forma, sairão decepcionados.

**INFORMAÇÃO:** "Pernas Provocantes; da 20th Century-Fox. Estreado nos cinemas S. Luiz, Carioca e Vitoria. Título original: "Roxie Hart". Com Ginger Rogers, George Montgomery, Adolphe Menjou, Lynne Overman e outros.

## O leão tem asas

(UNITED)

2

Este foi, talvez, um dos primeiros documentários produzidos nesta guerra. Logo depois do início do conflito, Alexander

Korda rodou este filme procurando mostrar a todos o poderio e o preparo da Real Força Aérea. Pena que tivesse sido êle exibido somente agora; esta realização inglesa já está um pouco antiquada. Antiquada, naturalmente, na confecção. Mas o seu espírito continua o mesmo, firme e inquebrantável. Todos os celuloides de combate ao nazismo são oportunos e necessários.

"O Leão Tem Asas", com a sua intenção visível de documentação dá margem para apresentar um pequeno entreccho, que não desagrada de todo. Ralph Richardson e Merle Oberon são encaixados na história com bastante oportunidade e servem como um ponto de agrado para o grande publico.

A qualidade principal, entretanto de "O Leão tem asas" é documentar; documentar o esforço, a organização e a coragem da R. A. F. — um punhado de homens valorosos que souberam defender com arrojo o mundo inteiro de uma invasão nazista. Foi a força aérea inglesa que salvou o universo de uma dominação nazista, quando mais crítica era a situação mundial; defendendo a Inglaterra, eles defenderam todos os outros países da propagação dessa grande praga. Glória aos intrepidos aviadores da R. A. F.! Glória a esses "tão poucos que tanto fizeram por tantos"!

Hoje, a aviação aliada conquistou a supremacia aérea. Varreu dos ares os piratas nazistas e continua em sua tremenda ofensiva, arrasando cidades inteiras — cidades industriais e centros de manufatura bélica inimigos — para que a Vitória venha mais depressa.

Todos nós devemos um tributo à RAF. Num futuro proximo, quando a Paz voltar a reinar na terra, olharemos para o passado e compreenderemos, então, a obra magnífica realizada pela força aérea inglesa na defesa e na preservação dos ideais da democracia, da justiça e da liberdade. Não percam, portanto, "O Leão Tem Asas".

**INFORMAÇÃO:** "O Leão Tem Asas", da United Artists. Estreado no Cinema Capitolio. Título original: "The Lion Has Wings". Com Ralph Richardson e Merle Oberon, nos principais papeis.

## Nova York é assim

(PARAMOUNT)

2

De início, interessa vivamente. Depois, decresce o seu valor até terminar como qualquer produção de linha, sem qualidade especial. "Nova York é assim" nas cenas de abertura dá a impressão que será um grande celuloide. Começa estampando, a cores vivas, a vida num determinado setor de Nova York. Até o programa de rádio vai muito bem; daí por diante, nada mais é do que um vulgar romance de amor.

Fred MacMurray faz um boêmio fotografo de rua, que vive feliz e alegre, sem preocupações; Akim Tamiroff é um professor europeu que procura conseguir permissão para permanecer nos Estados Unidos; Mary Martin é uma pequena em pes-

simas situações financeiras, que tem a fortuna de encontrar Fred MacMurray.

Roberto Preston é o "outro", o que procura conquistar Mary Martin. E no decorrer do filme, fala-se muito em Rio de Janeiro, em Brasil, em Belo Horizonte.

Uma das melhores partes de "Nova York é assim" é aquela em que Mary Martin e Fred MacMurray resolvem entrar no auditorio de um estudio radiofônico afim de conseguir dinheiro num programa de charadas.

Pena que não tivesse sido mantido o interesse em todo o transcórre do celuloide; de outro modo, estaríamos diante de um dos bons espetáculos da temporada. As "performances" dos artistas centrais, aliadas à de Lynne Overman, podem ser consideradas como o ponto alto de "Nova York é assim".

Entretanto, apesar dos pesares, esta produção da Paramount poderá agradar a alguns, porque se assiste sem maior enfado e faz rir em varias passagens. E' amena, passando o tempo sem maiores preocupações.

**INFORMAÇÃO:** "Nova York é assim" da Paramount Pictures. Estreado no Cinema Odeon. Título original: "New York Town". Com Fred MacMurray, Mary Martin, Roberto Preston, Lynne Overman, Akim Tamiroff, Fuzzy Knight.

## O segredo da enfermeira

(PARAMOUNT)

1 1/2

Anne Shirley, Richard Carlson e Richard Denning formam o trio central desta película de linha que, apesar de relativo valor artístico, agrada bastante. O entreccho está urdido com uma certa habilidade e se vai desenrolando sem maiores novidades, com uma linha de interesse constante.

"O Segredo da Enfermeira" foi feito para ser exibido em programas duplos; e temos certeza de que todos apreciarão este novo trabalho de Anne Shirley. Richard Carlson, como o dr. Kruegger, está bem posto e interessante. Richard Denning, que recentemente subiu bastante, contracenando com Dorothy Lamour em "Beyond the Blue Horizon", tem um papel onde pouco faz e pouco fala. E' uma figura simpática que agradará ao publico feminino.

Na falta de espetáculo mais substancial, não deixem de ver "O Segredo da Enfermeira". Não é nada extraordinário, não é nem mesmo um filme de primeira classe; mas não cansa nem decepciona. Esta nova apresentação de Anne Shirley é muito melhor e mais feliz do que no desastroso "Tio Inesperado", que escolheram mais desastrosamente para ser exibido no mesmo programa de "Alô, amigos"!

**INFORMAÇÃO:** "O Segredo da Enfermeira", da Paramount. Estreado no Cinema Imperio. Título original: "West Point Widow". Com Anne Shirley, Richard Carlson, Richard Denning e outros.

# Com ou sem franjinha, Beatriz Costa é a mesma

Personalidade é coisa que não se perde... -- Não fuma, não bebe, não dança e gosta de passear de bonde. -- Dez horas de sono, no mínimo, por dia. Cinema é bom, mas teatro é melhor. -- Portuguesa de nascimento, mas artista brasileira.

ANSELMO DOMINGOS escreveu.

Você leitor, amigo, já teve oportunidade de conversar alguma vez com Beatriz Costa, não? Pois não sabe o que perdeu... A pequena é realmente engraçada, simpática, dona de um geitão todo especial e com uma característica no falar que prende qualquer um. Ainda não nos saiu da memória aquela ligeireza da resposta, aquele amontoado de frases despencadas sem intervalo, quando lhe falamos na antiga franjinha que usava:

— Concorde sim, que a franjinha me dava uma certa personalidade, mas quem tem isso uma vez, tem sempre... Personalidade é coisa que adquirida, nunca mais se perde. E eu, verdade seja dita, estou contente com a minha, lá isso estou. Este tipo pequenito ajusta-se em mim como uma luva. Não sou magra nem gorda, não sou bonita nem feia. Sei que sou um tipo fora do comum, exquisito mesmo... mas tenho um coração muito grande, isso tenho. Por isso mesmo estou satisfeita. Não queria mais nem menos. Estou na medida, e não só eu o acho, mas também muita gente. O que diz você a isso?

— Claro, claríssimo! E pegando (deixa), que juízo faz você dos homens?

— Ora, éssa é boa... Que juízo hei-de fazer? Muito bom! E lá ia eu dizer que não, numa terra como esta, cheia de homens simpáticos e bem parecidos... Não sou das mulheres que combatem os homens. Reconheço que somos o sexo frágil. Esse negócio de "direitos iguais", é conversa para o Vasco ser campeão... O homem sempre foi e há-de ser, se Deus quiser, o sexo forte...

Uma conversa com Beatriz Costa é sempre assim, deliciosa, repleta de humorismo sadio e contaminador. A pequena é natural. Conversa sem afetação. Expande seus pontos de vista francamente:

— Se gosto de diversões? Claro que gosto. Mas não tenho vícios. Não fumo, não bebo, nem gosto de dançar. Aprecio muito é um passeio de bonde. Aliás, nunca tive automóvel e portanto o racionamento da gasolina não me atingiu. Não há nada mais gostoso que um passeio de bonde. Mas não vá pensar agora que estou a fazer propaganda da Light. Nada disso. Até o tostão da passagem eles me cobram. Tudo isto é espontâneo. Não sei se está compreendendo ou quer que explique...

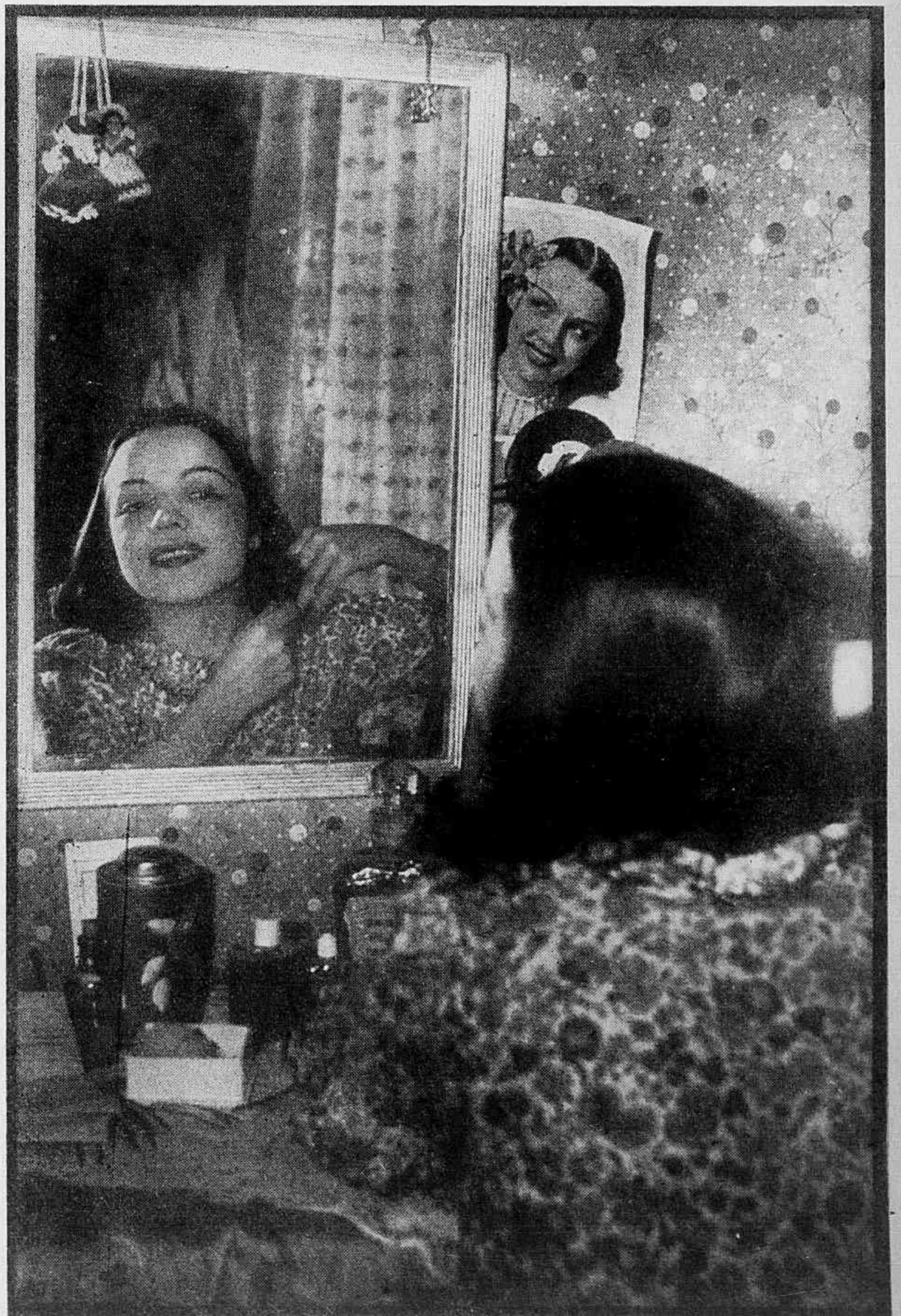
E continua a popular "estrela" por aí afora aproveitando o assunto para gostosas "blagues". Mas se tem que falar coisa mais séria, fala, e o faz revelando coisas interessantes:

— Sou artista brasileira, e pouca gente sabe disso. Minha estreia em teatro foi aqui no Republica. Eu era então uma garota com uns lindos cabelos compridos usados em forma de tranças. O empresário porém; mandou-me cortar as tranças, pois meu papel assim o exigia. Cortei os cabelos e troquei de nome também. Chamava-me Beatriz da Conceição,

mas achava o empresário que esse não servia para o teatro. Assim fiquei Beatriz Costa para o resto da vida. Aliás, é um

nome mais de acordo com o meu tipo... E' mais curto. Você não acha?

(Continúa na página 22)



# A LITERATURA NO RÁDIO

Galvão de Queirós

Não pode haver duas opiniões sobre a vantagem que representa, para o broadcasting nacional, o estabelecimento de melhores e sempre mais íntimas relações entre o microfone e a pena, isto é, entre os verdadeiros intelectuais e os intérpretes.



Albertus de Carvalho.

Quem se trate simplesmente de música, quer no que diz respeito à parte do teatro irradiado, o público será sempre servido se, pelos seus aparelhos, só captar canções com letras escritas por quem as sabe escrever, e peças de rádio-teatro provenientes de autores com capacidade comprovada.

Todos sabemos que nem sempre é o que acontece, mas não há outro remédio senão esperar com paciência o dia em que o joio esteja completamente separado do trigo — porque esse dia virá, fatalmente.

Toda seleção se faz com vagar e se processa como consequência mesmo da alta concorrência. No nosso rádio, estamos ainda no período em que essa seleção está por fazer-se, pois são ainda bem poucos os valores reais das nossas letras que se têm voltado, com interesse e carinho, diremos mesmo com legítima vocação, para essa modalidade de literatura.

Refiro-me a Albertus de Carvalho, que trabalhando com devotamento pela melhoria do nosso padrão de teatro irradiado, apresentando pela interpretação impecável do magnífico conjunto "Teatro pelos Ares", chefiado por esse inconfundível ator que é Plácido Ferreira, na Mayrink Veiga, peças e cortinas que têm agradado da maneira mais completa, pela bela forma que apresentam, pela escolha de temas adequados ao gosto dos nossos

rádio-fans, como pela sutileza de dialogação de que ele sabe fazer uso.

Lido em autores da marca de Julio Dantas — o príncipe do diálogo em idioma português — Albertus de Carvalho impõe às personagens a que dá vida em suas peças, um pouco daquele tom fidalgo que o mestre põe invariavelmente nas dialogações que burila com sua pena de ouro.

Vindo do jornalismo, com passagens pela literatura, Albertus de Carvalho tem, da vida e da alma humana, conhecimentos que colheu pela observação direta. Seus trabalhos não se ressentem, portanto, da artificialidade que se nota em tantas peças e adaptações apressadas que se irradiam fartamente, pois refletem impressões vividas; são imagens claras da vida e não apenas ficção escrita por amor à ficção.

"Duas Faces da Vida", peça em três atos, com que Albertus de Carvalho deu o passo inicial e decisivo na carreira de autor rádio-teatral, proporcionou ao "cast" da PRA-9 elementos para evidenciar todas as suas qualidades. A seguir veio "Ontem e hoje", cortina bem feita, um ato sóbrio, mas cheio de sentimento, em que Cordelia Ferreira e Cesar Ladeira acharam motivo para transmitir ao seu numeroso público frissons de emoção verdadeira.

"A Divina Mentira", seu terceiro trabalho, movimentando varias personagens em cena, requinta em sutilezas de psicologia feminina, aprofundando problemas eternos mas que ao artista de hoje, de ontem, de amanhã, será sempre possível imprimir cores novas, dar soluções diversas, oferecer novos e inesperados atrativos.

Está, pois, de parabens o público afeiçoado ao teatro irradiado, pois mais um elemento de real valor se incorporou ao numero dos que lhe dedicam sua operosidade, e quanto aos apreciadores da atividade literaria de Albertus de Carvalho, esses tem, agora, mais dilatadas possibilidades de estar em contacto com as produções que trazem a marca de sua imaginação, de seu sentimento e de seu reconhecido gosto artistico. Eu sou um deles.

## COMO PODE UMA MULHER CONQUISTAR UM HOMEM E UM HOMEM OBTER

o Respeito de outros Homens

Sem que um litro de suco biliar flua diariamente do fígado para os intestinos, os alimentos fermentam nos intestinos. Isto perturba todo o organismo. A língua se torna saburosa, a pele amarelada... aparecem espinhas, os olhos ficam embaciados, sobrevém mau hálito, boca amargosa, gases, vertigens e dores de cabeça. Tornamo-nos feios e desagradáveis e todos fogem de nós.

Uma simples evacuação da parte inferior dos intestinos não tocará a causa porque não elimina toda a comida em decomposição.

Só o fluxo natural do suco biliar é que evita a fermentação nos intestinos. As Pímulas Carter são o remédio de efeito suave, que faz fluir livremente o suco biliar. Contém os melhores extratos vegetais. Se quiser recuperar seu encanto pessoal, comece a tomar as Pímulas Carter de acordo com a bula. Preço: 3\$000.

## Beatriz Costa

(Continuação da página 21)

Esse "você não acha", Beatriz usa quase sempre como chave das suas respostas. Claro que temos que achar tudo. Mesmo porque ela gosta e resolve-se a continuar falando:

— Sou artista de teatro cem por cento, e por dinheiro algum trocaria o palco. Já trabalhei para o cinema diversas vezes, mas não me atrai a arte cinematográfica. Prefiro o teatro acima de tudo. Por falar nisso: já duas vezes tive oportunidade de filmar ao lado de dois grandes artistas brasileiros. Da primeira, com Leopoldo Froes, em Paris, no filme "Noite de Nupcias", e mais tarde com Procopio Ferreira em Portugal, na fita "Trevo de quatro folhas". Aliás, tenho as melhores referências para os artistas brasileiros, e sou fã de muitos deles. Gosto imensamente de Jaime Costa, Dulcina, Jararaca e Ratinho, Mesquitinha, Alda Garrido, Oscarito, Procopio, Arací Cortes, etc., cada qual dentro do seu gênero, é bom explicar.

— E aqui no Brasil não chegou a filmar vez nenhuma?

— Não. Recebi vários convites já, mas em vez alguma pude aceitar. Sempre surgiam dificuldades, e verdade seja dita nunca me mostrei animada a ponto de me entusiasmar. Já em teatro é diferente. No entanto, sempre que posei para o celuloide, o fiz de forma a agradar. De todos os papéis que interpretei em fitas, o que mais me agradou foi o de "Aldeia da Roupa Branca".

A conversa, nesse pé, toma uma reviravolta. Aliás, palestrando com Beatriz é assim mesmo. Ela fala ligeiro, empilhando palavras com uma facilidade incrível, articulando perfeitamente bem, de modo a espantar. Voltou a falar de si, atendendo a uma pergunta:

— Uma coisa de que gosto muito é dormir. Durmo, invariavelmente, 10 horas por dia, e não tenho vergonha alguma de dizê-lo. Se dormir menos que esse tempo, acordo indisposta e de mal-estar. Aprecio a solidão, gosto da vida ao ar livre, e sempre que posso livro-me do borbórinho da cidade com seus ruídos e confusões.

— E o carioca, Beatriz? Que tal o carioca?

— Ah, é um povo muito amigo e engraçado. Que graça eu acho nesta gíria pitoresca daqui... "desguia", "seu bacano", "fulerage", "manga de colete", "conversa mole", "lero-lero"... Arreberto-me quase de tanto rir quando ouço essas coisas. E olhe que também gosto de empregá-las, como não! Aliás, em Lisboa, usa-se também e abusa-se de termos da gíria.

— Essa sua vocação artistica, herdou de quem?

— Sei lá! Na minha familia nunca houve artista. Os meus parentes, coitados, nunca souberam mesmo o que fosse isso de teatro. Agora, minha mãe acompanha todos os meus passos, lá de Portugal, escrevendo-me sempre.

— E já pensou em voltar?

— Não. Estou tão bem... Você não acha? Acostumei-me. Já estou tão habituada que atualmente meu prato predileto é a feijoada. Regalo-me toda com o feijão preto e a carne-seca. Quero um grande bem ao Brasil e aos brasileiros. Eles também, ao que parece, gostam de mim. Para que hei-de ir embora? O que acha você disso?

Claro que você deve ficar, Beatriz! Você é uma artista tão portuguesa quanto brasileira. Você nasceu lá mas pisou o palco aqui. Você é nossa, Beatriz! Deve continuar sempre com esse seu geitão especial, com esse seu sotaque pitoresco, com essa sua amabilidade gostosa, distraindo o público brasileiro. Mostrando a sua arte, o seu talento, a sua graça e espontaneidade. E acima de tudo deve usar e abusar dessa personalidade inconfundível. Com franjinha ou sem franjinha! Tanto faz... Você será sempre a Beatriz Costa dos brasileiros e portugueses.

Você não acha, leitor amigo?

**Tem RECEIO de sorrir?**



N O tempo de Mona Lisa as pessoas receiavam sorrir porque poucas tinham bons dentes. Mas quem usa Kolynos tem orgulho de sorrir porque pode apresentar dentes claros e brilhantes, que são a mais preciosa dadiwa da natureza.

Kolynos limpa os dentes melhor e sem causar dano — restaurando rapidamente o brilho e brancura naturais dos dentes.




**Use Kolynos e tenha o bello sorriso da epoca!**

# Cine Romance

## BOÊMÍOS ERRANTES

(TORTILLA FLAT)

FILME DA METRO-GOLDWYN  
MAYER, DIRIGIDO POR  
VICTOR FLEMING, BASEADO NA  
NOVELA DE JOHN STEINBECK

### ELENCO

PILON.....	SPENCER TRACY
DOLORES.....	HEDY LAMARR
DANNY.....	JOHN GARFIELD
O PIRATA.....	FRANK MORGAN
PABLO.....	AKIM TAMIROFF
JESUS MARIA CORCORAN	JOHN QUALEN
PADRE RAMON.....	HENRI O'NEILL
TITO RALPH.....	SHELDON LEONARD
MRS. TORRELLI.....	CONNIE GILCHRIST



**P**OR DIOS! Um homem pouco precisa pedir quando o bom Deus lhe oferece tanto. O sol luminoso, a relva macia e as arvores frondosas; o doce odor dos pinheiros misturado com o aroma das aguas do Pacifico; tudo isso fazia da baía de Monterey um lugar paradisíaco.

Ali, naquele lugar, os homens sentiam dentro de seus corações todas as belezas e viviam felizes, ao seu modo.

Era assim que pensaria Pilon se, alguma vez, sentisse desejos de considerar a razão da sua existencia. Estirado preguiçosamente na relva, debaixo da sombra convidativa de uma enorme arvore, ele olhava fixamente para o céu, o mesmo acontecendo com seu companheiro Pablo. Pilon estava vestido com uma calça bertrandamente azul, de veludo, o seu chapéu largo e amarrotado jazia no solo, assim como os seus sapatos. Os dedos dos pés se apresentavam, nervosos, nos buracos das meias. Não havia vida que se pudesse comparar com a do "paisano". Ter amigos; ter alguma coisa para comer quando houvesse fome; um pouco de vinho para aquecer a alma e o estomago; um pouco de conversa fiada; e, ás vezes, tambem, um pouco de amor. Para Pilon não poderia haver maior tragedia do que acabar com uma vida dessas. Uma vida de dias agradaveis seguidos de outros mais agradaveis ainda. Uma vida ociosa, na qual não havia a preocupação pelas coisas materiais; ou mesmo trabalho, ou responsabilidades. Sim! Quem gostaria de acabar com uma vida dessas?

— Amigo, — murmurou Pablo, o mais gor-do. — Amigo você está acordado?

— Não estou muito certo, — replicou Pilon. — E é agradável ficar assim... Nem acordado, nem dormindo... Nem aqui, nem lá...

— Sim. Mas já passa do meio dia. Deviamos pensar em como conseguir alguma coisa para comer, — falou Pablo, olhando em direção ao mar. — Aa sardinhas devem estar excelentes. Dois barcos chegaram cheinhos delas. Sabe,

Pilon? Eu gosto de sardinha. Se você pensasse em algum meio...

— Fique quieto, — falou, Pilon, levantando-se. — Eu vou pensar.

Respeitosamente, Pablo esperou pela palavra do companheiro. Pilon, afinal, disse:

— Apanhe algumas pedrinhas. Vá até ao caes, depois. Quando os outros barcos chegarem você xingarás os pescadores á vontade, atirando-lhes as pedras.

— Assim eu serei preso, — retrucou Pablo serenamente.

— Não. Você conseguirá as sardinhas. Se

Hedy Lamarr (Dolores) e John Garfield (Danny) — o par romantico de "Boêmios Errantes"

você atira nos pescadores as pedras, o que é que eles vão atirar de volta? Sardinhas!

—Ótimo!—exclamou Pablo, abanando a cabeça de contente.—Vem então comigo. Dois podem atirar mais pedras do que um. E receberemos mais peixes, assim.

—Eu devo ficar,—adiantou Pilon.—Deve haver vinho, junto com o peixe. Vou pensar em algum meio de arranjar o vinho.

Novamente Pilon voltou a concentrar-se e só interrompeu seus pensamentos quando um automóvel surgiu na estrada, parou e o seu motorista chamou os dois homenzinhos. Cortezmente, Pilon se aproximou seguido de Pablo. Era um estranho. Dizia ser advogado. Procurava por Danny Alvarez.

—Para que, senhor?

—Tenho um negócio a tratar com êle. E' importante.

—Um advogado... O senhor chegou muito tarde. Não pode fazer nada por Danny. Algum maldito individuo lhe deu um mau vinho e ele bateu num policial. Está agora na prisão, ha nove dias...—Pilon abanou a cabeça e continuou:—Mas se é mesmo importante, posso levá-lo até onde êle está. Pablo, você vai pescar sardinhas, não é? Então vamos.

Tito Ralph, o guarda da prisão, levou-os á presença de Danny Alvarez no "calabouzo". O jovem Danny—de fisionomia simpática—era a delicia de muitos corações femininos em Tortilla Flat. Mas naquele instante nada poderia ser mais agradável do que receber a visita do seu velho amigo Pilon. Depois, olhou com precaução o advogado que viera de Stockton. Mas as noticias que êle lhe trazia eram mesmo importantes. Peter Alvarez, o "viejo", avô de Danny, falecera.

—Morreu no mês passado,—adiantou o advogado. Quando ele retirou de sua pasta varios documentos, os olhos de Pilon brilharam.—Pelos termos de seu testamento, você herdou duas casas em Tortilla Flat.

Danny admirou-se. Duas casas! Pilon, entretanto, perguntou rapidamente ao representante da lei:

—E o resto... é tudo em dinheiro?

A resposta do advogado foi uma desilusão. Não havia dinheiro. Nada mais, além do relógio do velhote. Quando Danny assinou o seu nome nos papeis de propriedade, não estava muito satisfeito. Duas casas. O que lhe adiantava aquilo?

—Você não deve falar assim,—reprovou Pilon, depois que o advogado partiu.—E' agora, um proprietário. E como tal, devia dar uma "fiesta". Devia celebrar o acontecimento.

Mas com que? O seu avô, na falta de dinheiro, devia ter deixado ao menos um bocadinho de vinho. E o que lhe deixara? Apenas duas casas e um relógio. Que utilidade tinha um relógio, mesmo sendo de ouro? O sol também é dourado, mas é maior e muito mais bonito e útil. O relógio faz do homem o seu escravo. Tem de lhe dar corda. A's vezes precisa consertá-lo. Prende o homem ao tempo. Tudo isso Pilon fez ver a Danny.

—Este relógio vai fazê-lo de burro. Torrelli, entretanto, é capaz de trocá-lo por muito vinho. Torrelli é um trouxa...

—E talvez me dê também a minha guitarra, que eu lhe vendi,—concordou Danny.—Vamos vê-lo.

Tito Ralph, contudo, opôs-se. Danny, afinal de contas, era um prisioneiro e devia cumprir mais dum dia de sentença. Como poderia abandonar assim o xadrez? Pilon estava visivelmente aborrecido.

—Você quer que o nosso amigo Danny celebre este importante acontecimento na prisão? Eu sabia que você tinha um coração de pedra.

O que faria um homem de bom coração neste caso? Tito Ralph achou a ponderação justa, deixou que Danny saísse da cadeia e resolveu até mesmo acompanhá-los. Na loja de Torrelli, o relógio foi trocado por quatro garrafas de vinho. Torrelli teria dado apenas dois, mas Mrs. Torrelli ha muito que admirava Danny e simpatizava com seu amigo Pilon. Por isso, além de receber sua querida guitarra, Danny também trouxe os quatro garrafas. Só uma coisa preocupava o pobre Danny; depois de nove dias na prisão, sentia o coração pulsar por qualquer pequena. Mesmo que fossem mulheres como Mrs. Torrelli.

Mas a preocupação de Danny foi abafada pelo vinho. Pilon, suspirando, murmurou:

—Pena que não tenhamos um lugar onde beber este vinho...

Ele olhou para Danny, mas Danny não pareceu compreender o significado de suas palavras. Por isso respondeu simplesmente:

—Eu não preciso de um lugar para tomar vinho... Necessito apenas do vinho...

—Sim,—concordou Pilon.—Com você é diferente. Quando um homem possui duas casas, ele pode beber até com o prefeito. Mas os seus amigos, os pobres "paisanos", devem beber debaixo do sol quente...

—Mas claro que você tem razão!—exclamou Danny.—As casas! Já não me lembrava delas. Podemos tomar o vinho e aproveitar para dar uma espiada nas casas. Podemos mesmo organizar uma festa.

—Mas você precisa voltar para a prisão,—relembrou Tito Ralph. E Danny respondeu:—Não se preocupe. Irei mais tarde...

Quando subiam uma ladeira, encontraram-se com Pablo que carregava um saco cheio de sardinhas. Seus olhos brilharam ao ver os garrafas de vinho. Contente, ele falou dirigindo-se a Pilon:

—Quer dizer que você então conseguiu o vinho, hein? Pilon, não ha outro homem igual a você...

Eles continuaram galgando a ladeira. Em breve, Monterey ficava lá em baixo, surgiam agora as casinhas de madeira, protegidas pelas sombras dos altos pinheiros. Eram assim as ruas de Tortilla Flat. Pobres, mas não esqueléticas. Sol e flores, galinhas e cachorros, crianças brincando... Um lugar onde viver e amar; um lugar para esquecer as complicações da vida.

Eles pararam para trocar algumas palavras com Mrs. Teresina e seus oito filhos. Contaram o que acontecera a Danny e a respeitável matrona, satisfeita, exclamou:

—Duas casas, hein? E eu que conheci Mr. Danny quando usava ainda calças curtas!

Ela teria falado muito mais, se não tivesse entrado naquele momento uma jovem trazendo uma garrafa de leite e um queijo de leite de cabra. Era um presente para Mrs. Teresina. A jovem era uma pequena viva, de cabelos negros, realmente encantadora. Era Dolores Ramirez, de Salinas, adiantou Mrs. Teresina,

apresentando-a. Danny sorriu para a jovem, com os olhos brilhantes.

—Alô, doçura,—saudou ele.—Posso acompanhá-la, para ajudar a ordenhar suas cabras?

—Isto depende,—retorquiu Dolores, embora intimamente desejasse que Danny a acompanhasse.—As minhas cabras são inteligentes. Elas não se dão bem com estranhos.

Danny teria insistido, se Pilon não interferisse. Ele não gostara do modo como Danny olhara para a jovem. Servindo-se de um pretexto qualquer, tratou de carregar Danny consigo, afastando-o de Dolores. Depois de caminharem um pouco, Pilon disse:

—Ela é uma portuguesinha. E elas não prestam.

—Por que?—indagou Danny, intrigado.

—Querem sempre casar-se...

A resposta foi decisiva. Encerrou a questão. Em breve, os quatro boêmios chegaram á maior das duas casas de Danny. Antes, fôra ocupada pelo falecido avô de Danny. Tinha uma roseira no canteiro externo, possuía três quartos, todos eles suficientemente mobiliados. Na casa vizinha morava Mrs. Morales, uma viuva que criava galinhas. Quem poderia querer mais?

Entretanto, para organizar uma festa era necessário que existissem algumas coisas indispensáveis. Precisava-se de comida. Por isso, Pilon separou alguns moveis e outros adornos da casa, que Danny poderia muito bem dispensar. Pablo procuraria vendê-los, afim de comprar comida.

Danny não estava muito disposto a concordar.

—Todas essas coisas eram de meu avô. Agora, são minhas,—ponderou êle, indeciso.

Tristemente, Pilon olhou o seu amigo. Depois, virou-se para Pablo e Tito Ralph e lhes disse:

—E' estranho... Quando um homem é pobre ele pensa assim: "se eu tivesse dinheiro, iria dividi-lo com meus amigos." Mas quando o dinheiro chega, esquece-se dos amigos que compartilharam fielmente os seus dias de pobreza.

—Nada disso,—retrucou Danny, mudando de ideia.—Não sou desses. Pablo! Pode ir vender estes trastes. E não se esqueça de trazer o presunto, para acompanhar o peixe.

Em seguida, Danny foi buscar um pouco d'água na casa de Mrs. Morales, levando-lhe um ramo de rosas. Aquilo era ideia de Pilon. Ele conhecia Mrs. Morales e sabia que efeito as rosas teriam sobre ela. E, realmente, não se enganava.

Foi uma festa e tanto. Danny voltou com duas galinhas. O que importa um pouquinho de amor, quando suas galinhas são a consequência? Peixe e galinha, vinho e mais vinho. Mais tarde, começou a chover torrencialmente; inúmeras gotearias pingavam do teto. Mas ninguém precisava ficar debaixo delas. Havia outros lugares completamente secos. Danny começou a tocar a sua guitarra. Os quatro festejantes não se cansavam de comer e beber, alegremente. O coração de Pilon estava reconhecido. Até esqueceu a duvida que dele se apoderou quando Danny tornou-se um homem rico e quando a adorável Dolores sorriu para o amigo.

—Você sabe,—disse Pilon, quase dormindo.—E' engraçado... Durante muitos anos Danny não tinha casa. Agora tem duas... Um homem

John Garfield (Danny), Ralph Morgan (o Pirata) e Spencer Tracy (Pilon), três representantes de Tortilla Flat.



pode somente usar uma. Danny, você devia alugar a outra. Eu ficarei com ela. Pagarei quinze dolares por mês.

Aquilo era uma fortuna. Onde poderia Pilon arranjar quinze dolares? "Quien sabe"... Pablo poderia ir morar com Pilon e pagar os quinze dolares por esse privilegio. Quando Pablo pagasse a Pilon, Pilon pagaria a Danny... Mas onde iria Pablo arranjar todo aquele dinheiro? Por Dios, por que devia preocupar-se com uma coisa tão futil? Quando se come bem, a felicidade é completa. E quando ha felicidade nada melhor do que uma boa cama. Por isso, todos os quatro boêmios se deixaram vencer pelo sono. Danny ocupou a cama que pertencera a seu avô. Agora, era um proprietario. Uma pessoa importante.

Na manhã seguinte, eles foram visitar a segunda casa, encontrando no caminho o Padre Ramon, da Igreja de S. Carlos. Eles não estavam muito contentes com o Padre Ramon. Agora que Danny estava estabelecido na vida, como proprietario, devia frequentar a igreja. Pelo menos assim aconselhava Padre Ramon e até mesmo Pilon concordou. Mas o comparecimento de Pilon á igreja era outro assunto; ele não era proprietario.

A segunda casa muito se parecia com a primeira. Talvez um pouco menor, mas nem por isso deixava de ser uma casa. Dolores passou justamente no momento em que eles se dispunham a entrar. Ela não disse "não", quando Danny perguntou-lhe se estaria em casa á noite. Um homem poderia tomar isso como um convite. Havia, ainda, um dia para ser passado na cadeia, mas Tito Ralph concordara que a noite não estava incluída nesse dia...

Mas poderia alguém ir fazer uma visita áquela pequena levando as mãos vazias? Claro que não! E para levar alguma coisa, era necessário dinheiro. Onde iria Danny encontrar dinheiro? Só havia mesmo um jeito. Pedir o dinheiro do aluguel a Pilon. Não os quinze dolares, é claro, mas pelo menos uma boa parcela. Pilon aborreceu-se com a idéia de Danny. Agastado, perguntou:

— Por que não vai cortar lenha por um dia, se precisa assim tanto de dinheiro? Chin Kee está precisando de lenha, no caes.

— Então um homem que possui duas casas vai cortar lenha no bosque? — interrogou Danny, com sua dignidade afrontada. — Não. Se você não quer pagar-me agora, faça-o quando tiver dinheiro.

Danny partiu em companhia de Tito Ralph para cumprir o seu último dia de cadeia e Pilon fez juramento: "Não dormirei nem um dia nesta casa até que tenha conseguido o dinheiro para pagar a este... este senhorio o seu porco aluguel!"

Mas como iria conseguir isso? Ah, sim... No terreno atrás da casa de Pilon tinham chegado justamente dois de seus amigos, Jesus Maria Corcoran e Portagee Joe. Eles acabavam de se levantar de um sono reparador, mas deixaram assim mesmo alguns goles de vinho nos seus garrafões. Jesus Maria chegara a ter sete dolares, resultado da venda de um barco que encontrara. Mas Arabella Gross lhe dera um sorriso; como mulher falsa, cheia de artimanhas, tinha concordado em acompanhar Jesus Maria ao bosque. E o que acontecera depois? Não fôra por simples coincidência que quatro soldados vieram ao encontro deles e deram uma surra em Jesus Maria. Tudo fora plano de Arabella para roubar o pobre "paisano". Este, contudo, gritara a tempo por Portagee Joe. E tudo agora o que restava a Jesus Maria eram três dolares e dez centavos, além de algumas contusões pelo corpo.

Três dolares? Pilon não podia deixar um homem com três dolares dormindo ao relento, expondo-se ás doenças, tendo uma casa á sua disposição. Os três dolares serviam muito bem para começar o pagamento de um aluguel de um mês.

Num instante tudo foi resolvido. Pilon já tinha os três dolares para dar a Danny, seu senhorio desumano.

— Mas, — disse Pilon aos seus companheiros, — Danny irá comprar doces para essa tal de Dolores. E doce faz mal aos dentes. Vinho é melhor. Devemos auxiliar Danny. Compraremos nós o vinho com os seus três dolares.

Dito e feito. Quando Danny voltou para a sua casa menor, naquele tarde, de volta da prisão, encontrou todos os quatro amigos dormindo, cheirando a vinho e a toucinho — com os garrafões vazios a seu lado.

Danny não tinha tempo de lhes dizer o que pensava a respeito de tudo aquilo. Dolores estava á sua espera e ele, apesar dos pesares, tinha ainda de lavar o rosto e as mãos. Dolores estava em casa, isto é, na residencia de seu tio, que se encontrava pescando, no mar. Na realidade, lá também se encontrava um tal de Mr. Jones, duma loja de Monterey, mas um "paisano" sabe muito bem como livrar-se de pessoas como Mr. Jones. Ele partiu, quando Dolores chegava com a encomenda de queijo que ele lhe fizera. Dolores não ficou muito zangada com o procedimento de Danny. Além disso, não podia resistir á guitarra de Danny. Ela falou um pouco sobre a sua vida. Em Salinas trabalhara no campo, colhendo feijão. Ali, em Monterey, ia trabalhar justamente na fabrica de conservas. E trabalharia, até conseguir o que desejava: um la com todas

as suas belezas, com filhos e um marido que a adorasse.

— Você quer muito, — disse-lhe Danny. — Veja como eu sou... Não me preocupo com coisa alguma. De um momento para outro, herdei duas casas. Aluguei uma e...

Ouviram-se vozes nervosas na rua. Carros de bombeiros passaram como foguetes. Finalmente, apareceu Pablo, ofegante, gritando por Danny. A casa que Pilon alugara estava em chamas! Como se incendiara, ninguém sabia — mas o certo é que estava pegando fogo!

O que poderia fazer Danny? Os bombeiros já estavam lá, não é? Se eles não conseguissem debelar o fogo, Danny também nada poderia fazer. Por isso, mandou Pablo embora e voltou para junto de Dolores. Ela o observou, admirada.

— Não se preocupa com a sua casa? Ela está pegando fogo!

— Que me importa? — retrucou Danny. Tenho ainda outra.

Ele a tomou em seus braços e beijou seu lábios. Ficaram assim, por alguns momentos. Depois Dolores se afastou dele.

— Você não presta, — gritou ela. — E' um "paisano" e um passaro que vive no xadrez, como todos os seus amigos. Sente-se orgulhoso desta sua situação. Não me precure mais, até mudar de modo de pensar.

Não quero saber mais de você. Saia daqui.

— Não presto, hein? — grunhiu Danny. — Pois então volte para Salinas!

\* \* \*

O fogo já estava quase terminado, a esse tempo. Pilon esperou por Danny, mas ele não veio. No meio do tumulto, um rapaz mexicano, muito palido, carregando uma criança embrulhada nuns lençóis, chegou-se até Pilon. As sirenes e o ruído dos carros tinham interrompido o seu sono no bosque. Ele caminhava de San Luis Obispo, a cem milhas de distancia, para Santa Cruz. O seu filhinho estava doente, e o seu intento era levá-lo para os braços da mãe. Mas isso agora não poderia ser feito, porque esta morrerá ha dois dias. Isto era serio. Uma criança doente, dormindo ao relento. Só havia uma coisa a fazer; e Pilon a fez. Levou o pequeno, juntamente com o pai, para a casa de Danny.

Danny concordou que realmente a criança precisava de abrigo. Portanto, recebeu de bom grado os amigos e levou o pequeno mexicano á unica pessoa de quem se lembrou no momento — Dolores. Ela, a principio, teve suas suspeitas; mas ao ver a criança, tomou-a carinhosamente em seus braços, procurando preparar um pouco de leite. Olhando para ela, Danny sentiu seu coração palpitar. Nunca ele conhecera uma mulher igual a Dolores; e não eram poucas, sem duvida, as suas conquistas. Pilon, entretanto, ao perceber esse olhar no rosto de Danny sentiu-se incomodado. Danny tinha muitas pequenas em quem pensar — mas apesar de tudo, cismava em só pensar em Dolores. Isto era um pessimo sintoma.

Mas Dolores já se apoderara totalmente do coração de Danny. Ele possuía uma casa; uma casa que poderia ser arrumada e trazida sempre limpa e bonita. Quando ela saiu, Pilon resmungou: — Eu não gosto dessa pequena. E' perigosa...

Mas Danny não se impressionou com as palavras do amigo. Recolheu-se a seus proprios aposentos, silenciosamente. Pilon voltou-se para Jesus Maria, Portagee Joe e Pablo e falou:

— Mulheres como essas, que estão sempre caçando um marido, são muito perigosas...

Danny ouviu-o e gritou: — Ouça, seu palerma! Você não precisa me dizer essas coisas! Quem pensa que eu sou?

Pilon iluminou o rosto com um sorriso. Agora, sabia que suas palavras tinham sortido efeito. Pelo menos temporariamente.

\* \* \*

Na manhã seguinte eles tinham outras coisas mais importantes em que pensar. A criança e o seu pai partiram com alguns niqueis fornecidos por Pilon. Este caso estava resolvido. Bastava agora resolver um outro. A casa era uma delicia, mas a comida não deixava de ser menos interessante. Eles não tinham alimento e Danny não estava disposto a cortejar, naquele dia, Mrs. Morales — mesmo que disso resultasse uma galinha bem gorda.

O Pirata chegou, quando eles estavam sentados pensativos, empurrando um carrinho cheio de lenha, seguido de seus cinco cachorros. Ele só queria vinte e cinco centavos pela lenha, mas os companheiros de Danny não estavam interessados na compra. O Pirata continuou o seu caminho, imponente com suas longas barbas que tinham dado origem áquela apelido curioso, e com os seus inseparáveis cães.

— Sabem de uma coisa? — murmurou Pilon. — Eu acho que o Pirata deve ser um homem rico. Todos os dias ele vende seu carro de lenha por vinte e cinco centavos, e isso ha mais de três anos. Isto nos obriga a fazer uma conta que deixa a cabeça doente. Se ele não gasta nada, deve ter muita coisa guardada. Quando tem dinheiro miudo no bolso, sempre procura trocar as moedas por notas maiores. Por que, eu não sei. Mas tenho certeza de que ele tem dinheiro. Deve ter. Os olhos de Portagee Joe brilharam.

— Ele não pode carregar todo esse dinheiro com ele. Com certeza esconde o dinheiro em algum lugar.

— Isso mesmo, — retrucou Pilon, lentamente. — Ele deve esconder o seu dinheiro. Não está direito que ele viva somente com seus cachorros. Sem amigos. Se tivesse amigos, talvez eles pudessem mostrar-lhe como gastar o seu dinheiro. Esses amigos poderiam comprar-lhe bom alimento e muita roupa.

Danny não se encontrava presente naquele momento. Portanto, Pilon foi indicado para comparecer junto ao Pirata. Foi encontrá-lo no galinheiro, que lhe servia de casa, sentado entre os seus cachorros. O velho Pirata admirou-se ao saber que Pilon viera visitá-lo. E quando viu que Pilon lhe trouxera um pedaço de doce, perdeu momentaneamente a fala, mas seus olhos agradeceram em silencio. Quando Pilon lhe disse que era seu amigo, rejubilou-se ainda mais. Sim, tinha amigos que se preocupavam com ele, continuou Pilon, com a sua voz calma. Amigos que se preocupavam com o seu modo de viver.

— Seus amigos não teem dinheiro, mas gostariam de auxiliá-lo. Si você tem dinheiro guardado, seria melhor deixar que seus amigos comprassem coisas boas para o seu conforto...

— Mas eu não tenho dinheiro, — retrucou o Pirata, ingenuamente. — Quando eu vendo a lenha, dou o dinheiro a uma velha mulher, uma pobre mulher...

— Os seus amigos não se importam com o seu dinheiro, — disse Pilon, mudando imediatamente de tática. — Importam-se, somente, com você. Nós temos uma casa. Por que não vem viver conosco?

— E os cachorros também?

— Claro, — disse Pilon, sem hesitação. — Danny adora os cachorros.

\* \* \*

Neste interim, Danny não estava pensando em nada mais senão em Dolores. Ela esquecera, em sua casa, um pote de leite e isso serviu de pretexto para que fosse vê-la uma vez mais. Senão, um homem orgulhoso do seu proprio respeito não teria razão para procurar novamente uma pequena que lhe dissera para não aparecer mais á sua frente.

Dolores não estava em casa. Começara a trabalhar naquela manhã na fábrica de conservas. Danny foi até Monterey. Entrou nos escritórios da Companhia de Conservas Baía Azul e, em seguida, nas proprias oficinas, onde o peixe chegava inteiro e saía enlatado. Filas de mulheres estavam embrulhando as latas e Dolores se encontrava no meio delas. Perturbou-se com a chegada de Danny. O chefe da secção ficou mais perturbado ainda. Com o auxilio de dois assistentes expulsou Danny da fábrica, sem qualquer consideração.

Danny não se feriu fisicamente. Apenas maguou-se moralmente. Mas sua visita a Dolores, que fora feita com o proposito de fazer as pazes, não lhe saíra muito auspiciosa. Começou a andar ao longo do cais. Um pequeno barco, com cabine, lhe chamou a atenção. Tinha uma taboleta que marcava o seu preço: duzentos e dez dolares. Interessou-se bastante, mas não se importando pelo proprietario da rede de pescaria que estava descarregando junto a um guindaste. Cinco dolares por oito ou dez horas de trabalho, ofereceu o homenzinho. Ele precisava de auxilio, afim de descarregar toda a pescaria de seu barco. Danny resmungou que estava ocupado e continuou seu caminho. Decidira não trabalhar. Este pensamento ainda não ia bem com o seu temperamento.

A lembrança de Dolores, contudo, atormentava-o. Ele possuía sua guitarra, mas não tinha dinheiro. A guitarra inumeras vezes lhe tinha dado muito mais que simples melodia. A decisão foi feita num instante. Deu a guitarra em troca de um aspirador de pó, que ele levou aquela noite para Dolores como um presente.

Dolores estava encantada.

— Você não o roubou mesmo, Danny?

— Não. Comprei-o, — disse Danny, adiantando ainda mais que trabalhara no cais (mentira, naturalmente...) para conseguir o dinheiro. O beijo de Dolores abafou suas ultimas palavras.

Quando Danny voltou para casa ficou atônito ao ser recebido por cachorros, indo ali encontrar o Pirata contando historias a Jesus Maria, Pilon e Pablo. Mas o que poderia ele fazer, mesmo que tivesse o desejo de reclamar.

Os outros, depois, também passaram a contar outras historias. Historias sobre o que acontecera a avarentos que enterravam o seu dinheiro... O efeito desejado dessas historias não se fez esperar. O Pirata, em breve, começava a dar mostras de preocupação; contudo, continuava a insistir que não possuía dinheiro. Pilon lhe disse para ir dormir, mas a mente do Pirata não estava no sono. Sentia-se preocupado. Nervoso. Pilon sorria satisfeito com o rumo que as coisas iam tomando. Não havia duvida que — cedo ou tarde — ele teria o dinheiro em suas mãos. O Pirata devia ter mesmo muitos dolares — estava certo disso.

Danny chamou Pilon para a varanda.

— Você acha mesmo que ele tem dinheiro? — indagou Danny, curioso.

— Claro, — respondeu Pilon. — Ele irá desenterrá-lo muito em breve. Talvez até estejamos junto dele, para ajudá-lo...

— Ah, — concordou Danny. — E será que ha uns duzentos e dez dolares nessa bolada, que eu possa pedir emprestado? Quero comprar o barco de Hermen Scrivani.

— Para quê? — perguntou Pilon, admirado.

— Para ir pescar, está claro.

— O que eu lhe posso dizer, — falou Pilon, — é que se encontrarmos dinheiro, primeiramente iremos comprar umas roupas para o Pirata. Depois, daremos uma festa, com bastante vinho. Quanto mais vinho e conversa, melhor. Se depois disso você ainda quiser comprar o barco, emprestaremos o dinheiro...

Como Pilon esperava, o Pirata não foi dormir. Quando pensou que os outros estavam adormecidos, levantou-se e com seus cachorros enveredou nos bosques. Ninguém deixou de acompanhar o Pirata, á distancia, e em absoluto silencio. Em breve, entretanto, perderam o seu rasto. Separaram-se em grupos e continuaram a busca. Depois de algumas horas voltaram a reunir-se no mesmo ponto. Desgostosos, abandonaram a busca e voltaram para a casa de Danny. E quando lá chegaram, o dia já vinha nascendo, ali encontraram o Pirata, já de volta. E mais espantoso do que tudo isso, era o fato de estar sobre a mesa um sacco de fazenda suja, cheio de moedas de prata.

— Disse-lhes uma mentira ontem á noite, — falou o Pirata. — Eu tenho dinheiro. Vocês são meus amigos, meus unicos amigos. Ninguém poderá roubar o meu dinheiro se meus amigos quiserem olhar por ele.

Desapontados, eles continuaram a ouvi-lo.

— Por favor, — disse o Pirata, — guardem-no para mim. Ficarei contente, assim.

— Sim, nós guardaremos, — asseverou Pilon, lentamente.

Roubar de um avarento não era ação degradante; mas o dinheiro confiado a um amigo era sagrado.

— Antes de guardarmos o dinheiro, — perguntou Pilon, hesitantemente, — não poderíamos separar um pouco para comprar... vinho?

— Não devo fazer isso, — retrucou o Pirata. — Fiz uma promessa a São Francisco de Assis. Quando juntar mil dolares, deverei comprar um castiçal de ouro. Uma vez eu tinha um cachorro... Estava muito doente. Prometi, então, se ele ficasse bom, comprar este castiçal. E o meu cachorrinho ficou completamente curado...

Era impossivel gastar aquele dinheiro. Eles esconderam a pequena fortuna debaixo do colchão, no quarto de Danny. E Danny? Como arranjaria os duzentos e dez dolares para comprar o barco?

Pilon, contudo, recebeu um choque pior na manhã seguinte. Foi Pablo quem trouxe as increditaveis noticias. Juntamente com Jesus Maria ele foi ao cais. Era verdade. Danny estava TRABALHANDO! Descarregando peixe!

— Foi aquela portuguesinha que o enlouqueceu, — resmungou Pilon. — Preciso fazer alguma coisa. E' necessário agir.

Lentamente, aproximou-se de Danny.

— Você quer comprar um barco com este trabalho, ou pretende fazer uma instalação elétrica na casa de Dolores? O aspirador de pó que você comprou precisa de electricidade para funcionar. E a casa de Dolores não tem luz elétrica. Ela diz que você saberá arranjar as coisas antes do seu casamento...

— Casar-me com ela? — gritou Danny. — Quem disse que eu me casarei com ela?

— Ora! Quem poderia ser? A propria Dolores. Todo o mundo está rindo...

Pilon afastou-se, satisfeito. Ele sabia que Danny estava furioso. O que significava uma mentira, quando o bem estar de um amigo estava em jogo? As mulheres são boas, mas não para casar. Ah, isso não. E o aspirador de pó? Foi facil tirá-lo da casa de Dolores e vendê-lo na loja de Torrelli por dois galões de vinho que, pela oportunidade intromissão de Mrs. Torrelli, se transformaram em três galões inteiros.

Pilon fizera um "trabalhinho" perfeito. Danny pensou que Dolores quisesse prendê-lo nos laços do matrimonio. E Dolores, por sua vez, pensou que Danny lhe tivesse tirado o aspirador de pó para troca-lo por vinho.

Danny resmungou; Dolores fez outro tanto. E romperam suas relações, definitivamente.

Pilon, Pablo e Jesus Maria ficaram a beber o vinho que resultara da troca habilidosa do aspirador de pó. Quando o Pirata chegou com os seus cachorros, trouxe mais vinte e cinco centavos para juntar á sua fortuna. Ao procurar o sacco de dinheiro debaixo do colchão, notaram a falta do mesmo.

Entreolharam-se em desespero, enquanto o Pirata chorava.

— Foi Danny? — perguntou Jesus Maria.

— Não, — retrucou Pilon. — Onde está Joe?

Joe estava bebado e feliz quando chegou. Pilon bateu-o violentamente e Joe confessou. Sim, tirara o dinheiro. Mas só gastara um dolar e meio. O resto estava no alpendre. De fato,

estava lá. Pilon decidiu contar as moedas para ver se Joe falava a verdade. Para sua alegria, verificou que Joe não mentira e que, portanto, o Pirata poderia comprar o castiçal de ouro que tanto desejava oferecer a São Francisco de Assis. Além disso, ainda sobravam dois dolares. Pablo alvitrou que eles deveriam celebrar com aquele dinheiro, mas Pilon observou que o Pirata não poderia ir á igreja com as roupas rasgadas. Eles levariam o dinheiro ao Padre Ramon e lhe contariam tudo; o sacerdote, naturalmente, compraria o castiçal.

Danny chegou, quando eles continuavam a discutir, alegremente, o assunto. Danny não disse uma palavra. Fechou-se em seu quarto, tristemente. Pilon seguiu-o.

— Não fique triste. Muitos homens teem sido enganados pelas mulheres. Por isso não me admiro que essa portuguesinha...

Pilon não continuou. Danny desfechou-lhe um soco, apanhou um garrafão de vinho e saiu.

Danny desapareceu e ficou embriagado durante muitos dias. Pilon estava preocupado, mas o caso do Pirata deixava-o ocupado. O Pirata devia estar bem vestido no dia em que fosse acender o seu castiçal. Todos auxiliavam e faziam seus donativos. O seu traje foi formado com o casaco de Jesus Maria, a camisa de Pablo, o chapéu de Pilon e as calças de Joe. Danny apareceu por um momento, em frente á casa, mas apenas para atirar pedras e gritar nomes para os seus amigos; estava todo sujo e muito embriagado. Pilon ficou aborrecido, mas ainda arranjou geito de dizer:

— Ah, este sim, é o velho Danny. Em breve irá para o xadrez e tudo voltará á normalidade.

Num grupo, todos acompanharam o Pirata até a igreja de San Carlos. O órgão tocava. Ante a imagem de S. Francisco estava o belo castiçal, com suas velas prontas para serem acesas. Pela janela, Pilon e seus companheiros apreciavam a cerimonia. O Padre Ramon contou á congregação a historia do Pirata e de S. Francisco. E quando falava elogiando os seus feitos, os cachorros entraram para lambar as mãos do Pirata. Ninguém poderia chamar aquilo de sacrilegio.

Pilon queria que Danny estivesse presente, mas Danny, naquele momento, ainda embriagado, se dirigia para a Fabrica de Conservas. Uma vez dentro da oficina de trabalho, abordou Dolores e gritou:

— Quería dizer apenas que eu não lhe tirei o aspirador!

— Que me importa! — retrucou Dolores. — Já ouvi o que você tem feito nestes dias. Agora sei quem você é.

O chefe dos operarios entrou. Segurou Danny abruptamente e procurou expulsá-lo. Danny soqueou-o, assim como ao seu assistente. Mas teve a infelicidade de cair sobre a correia que levava as latas ao forno, batendo pesadamente ao solo. Dolores correu para junto dele em agonia.

No dia seguinte, o Padre Ramon levou Pilon e seus companheiros ao hospital. Danny estava abatidissimo. Os seus pulmões doiam muito. Dolores lá se encontrava. Ao vê-lo, gritou:

— Danny vai morrer! E você, Pilon, foi quem fez isso. Procurou fazê-lo igual a você. E agora ele vai morrer! Vai morrer! Eu o odeio, Pilon! Odeio-o!

Pilon saiu e foi para os bosques; ali, era o unico lugar onde poderia pensar em paz. Sentia-se culpado, sim. E agora precisava ageitar novamente as coisas. Mas como? O Pirata passou, com os seus cachorros, sentou-se ao seu lado e começou a falar de S. Francisco de Assis. Pilon levantou a cabeça, achou uma boa idéia aquela, e partiu em direção á igreja. Aproximou-se da estatua de S. Francisco e começou a falar:

— E' um belo castiçal. Mas devia ter um outro. E eu gostaria de comprá-lo. Poderia cortar lenha nos bosques até conseguir o dinheiro... se... bem, se...

Ele enguliu em seco e continuou:

— Quero referir-me a Danny. Ele está muito doente. Talvez eu tenha agido mal, São Francisco... Talvez Danny tenha razão em desejar uma vida diferente... Portanto, São Francisco, ouça-me: Danny é muito jovem para morrer. Se fosse eu, estaria certo, mas Danny não vive bastante. O senhor precisa fazer outro milagre. E é preciso ser feito agora. Sou eu, Pilon, quem pede isso. O senhor deve salvar Danny.

Pilon, subitamente, compreendeu o que estava fazendo. Olhou para o santo e falou, lentamente:

— Desculpe-me, São Francisco. Sou um louco, dando-lhe ordens como estas. Perdê-me... Talvez eu fale demais...

E Pilon deixou a igreja, em silencio. Mas São Francisco deve ter ouvido e compreendido as palavras de Pilon. Danny não morreu. Danny melhorou e saiu do hospital.

\*\*\*

Chegou, afinal, o dia em que foi realizada uma grande festa, a maior que Tortilla Flat já presenciara. Todo o mundo compareceu. Muito vinho e muita comida; canções e alegria. E Dolores, com o véo de noiva na cabeça, dansando com Danny.

Pilon estava quase completamente feliz. Fez um leilão da guitarra de Danny e conseguiu dinheiro bastante para Danny comprar o barco que ha muito vinha desejando. Tito Ralph, mais tarde, levou os noivos, no carro da Policia, até ao cais. De lá Dolores e Danny partiriam em lua de mel.

Quando todos os convidados se retiraram, Pilon, Pablo, Jesus Maria e Portagee Joe sentaram-se á varanda da casa e começaram a conversar.

— Danny foi camarada dando-nos esta casa, — falou Pablo.

— Nada disso. Foram estas casas que começaram todas as complicações para Danny. Ele era um homem bom. E agora... Agora está casado. Nós o perdemos para sempre...

— Sim, — concordou Jesus Maria. — O seu avô não tinha o direito de lhe deixar as duas casas...

Sem ser percebido, atirou um fosforo aceso dentro da casa; havia muito papel no chão e o fogo alastrou rapidamente. Num instante a casa estava em chamas. Pilon não se preocupou. Suspirou, até, aliviado. Ter propriedades tira a liberdade de um individuo. Sem pena, observaram o fogo tomar vulto.

— Para onde iremos agora? — indagou Pablo.

— Podemos ir até a praia, — respondeu Jesus Maria. — Dormiremos ao luar, á vontade... Não teremos preocupações; seremos como sempre fomos. Só nos faltará Danny... Mas isso não quer dizer nada...

— Isso mesmo, — adiantou Pilon. — Estamos novamente livres. Dormir na praia ou nos bosques; comer quando tivermos fome... Bermos vinho quando tivermos habilidade em conseguí-lo... Ah, como essa vida é boa! Vamos, companheiros!

E todos eles de braços dados, cantando alegremente, desceram a colina, despreocupadamente. Os carros de bombeiros já estavam chegando, estrepitosamente. Tortilla Flat continuava a sua vida...

